



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA**

**HAVELOCK ELLIS: A HOMOSSEXUALIDADE SOB AS LENTES DA SEXOLOGIA**

**Any Esther Soares Fernandes Reis**

**BRASÍLIA – DF  
2024**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA**

**HAVELOCK ELLIS: A HOMOSSEXUALIDADE SOB AS LENTES DA SEXOLOGIA**

**Any Esther Soares Fernandes Reis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição

## Resumo

Havelock Ellis (1859–1939) é um importante nome para a consolidação da sexologia como um campo de investigação científica. Autor do primeiro livro médico sobre homossexualidade em inglês, suas propostas foram determinantes para a compreensão da inversão sexual, como ele a denominava, enquanto uma variação congênita. Através da lógica naturalista, Ellis argumenta que a homossexualidade devia ser considerada uma condição anormal, e não uma manifestação psicopatológica ou vício moral. Este trabalho resgata as produções deste autor sobre o tema e analisa os pressupostos que nortearam suas compreensões sobre a inversão sexual através das obras *Man and Woman* (1894), *Sexual Inversion* (1897) e *Psychology of Sex* (1933). Norteados pelas investigações da Teoria Queer, foram produzidos três temas derivados da análise documental, sendo eles: as bases hermafroditas da homossexualidade; homens e mulheres normais, homens e mulheres invertidos; degenerescência e colapso. Os resultados apontam as ambiguidades da herança sexológica, que apesar das contribuições reformistas para maior tolerância à homossexualidade, mantém intactos os pressupostos de supremacia heterossexual.

*Palavras-chave:* homossexualidade, sexologia, inversão sexual, Havelock Ellis

### **Abstract**

Havelock Ellis (1859–1939) is a significant figure in the consolidation of sexology as a field of scientific inquiry. Author of the first medical book on homosexuality in English, his proposals were crucial for understanding sexual inversion, as he termed it, as a congenital variation. Through naturalistic logic, Ellis argues that homosexuality should be considered an abnormal condition, rather than a psychopathological manifestation or moral vice. This work revisits the author's productions on the subject and analyzes the assumptions that guided his understandings of sexual inversion through the works *Man and Woman* (1894), *Sexual Inversion* (1897), and *Psychology of Sex* (1933). Guided by investigations of Queer Theory, three themes derived from documentary analysis were produced: the hermaphroditic bases of homosexuality; normal men and women, inverted men and women; degeneration and collapse. The results point to the ambiguities of sexological heritage, which despite reformist contributions towards greater tolerance of homosexuality, keep intact the assumptions of heterosexual supremacy.

*Keywords:* homosexuality, sexology, sexual inversion, Havelock Ellis

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha querida, amorosa e apoiadora família. Com isso, me refiro aos laços com os quais fui presenteada desde o nascimento e àqueles que encontrei durante o caminho. Dedico este trabalho a você, mãe, que me dá os mais belos exemplos de amor e integridade. Dedico este trabalho às minhas amigas e amigos, que mesmo à distância me fazem sentir detentora de tão afetuosas e longevas parcerias.

Agradeço a todas que integraram a turma de Geologias dos Estudos Queer, em minha experiência de Estágio Docência. Quando desejei desistir desta escrita, recuperar na lembrança os momentos que compartilhamos juntas renovou o meu desejo de continuar. Agradeço a minha orientadora pela confiança e a FAP-DF pelo ano de bolsa de fomento.

Por fim, dedico este trabalho à viva memória de meu pai, que de tempos em tempos perguntava “como estão as coisas no mestrado, filha?”, mesmo sem entender bulhufas do que eu me propus a estudar. Obrigada pelo exemplo de força e bondade.

“Agora falo a vocês, crianças da bala, e digo: a vida é maravilhosa, estamos esperando por vocês, nós, os caídos, os amantes do peito perfurado. Vocês não estão sós.”

(Preciado, 2019)

## Sumário

1. Introdução	8
1.1. Nota sobre a autora	10
1.2. Nota sobre terminologia	12
1.3. Os pioneiros da Scientia sexualis	12
1.4. A figura de Havelock Ellis	22
1.5. A Psicologia do Sexo de Havelock Ellis	25
2. Método	30
3. Resultados	32
3.1. As bases hermafroditas da homossexualidade	32
3.2. Homens e mulheres normais, homens e mulheres invertidos	39
3.3. Degenerescência e colapso	50
4. Discussão	56
5. Considerações Finais	59
6. Referências	61

No final do século XVIII, a sexualidade se torna foco de investigações científicas e o campo da sexologia tenta se consolidar como um ramo das ciências naturais. O fenômeno do que hoje conhecemos como homossexualidade passa de sodomia, um ato vicioso e pecaminoso, para inversão sexual, uma anormalidade congênita (Crozier, 2001). Desde então, a homossexualidade é estudada também enquanto um fenômeno biológico, sob influências hormonais, neurobiológicas e genéticas. Além disso, as pessoas foram encorajadas a refletir sobre suas práticas sexuais e suas dinâmicas de desejo, de modo que o conceito de orientação sexual se tornou parte importante da identidade. A sexualidade se torna a expressão de uma força determinante para o indivíduo, ou mesmo anterior a ele. A sexologia havia cunhado novas categorias, pautadas por um novo entendimento da verdade.

Vinculadas às produções sobre sexualidade estavam as inquietações geradas pelas mudanças na relação entre os gêneros. Em vestimentas de neutralidade científica, muitas das produções em sexologia reforçaram definições normativas sobre as mulheres e os espaços que elas deviam ocupar, sob a alegação de condicionamento biológico. Marcadas pela natureza, elas não conseguiriam escapar ao destino da reprodução ainda que almejassem outros percursos (L'Esperance, 1977). Convenientemente, este discurso se estabelece em um período de reivindicações por acesso à educação e áreas de atuação até então restritas aos homens, como a prática da medicina. Campanhas feministas passam a mobilizar esforços para debater e combater a violência contra a mulher, bem como outras expressões de abuso sexual. Havia uma disputa em curso e muitas mulheres estavam prontas para lutar pela autonomia sobre os seus corpos.

O pressuposto de que o impulso sexual tinha a reprodução como meta era quase unânime. Ainda assim, muitos teóricos se dedicaram a investigar as dissidências, ou como chamavam, as perversões do impulso sexual (Weeks, 2016). Como resultado deste processo,

novos termos e definições tentam organizar e descrever as vivências sexuais consideradas anormais, que passavam a ser vistas como sintomas de uma desorganização inata e determinante para o comportamento individual nas mais diferentes esferas. Nasce o invertido, o masoquista, o sadista e o travesti, que contribuíram com os relatos que fundamentaram esta nova linguagem, pois estavam frequentemente associados aos clínicos, como pacientes ou correspondentes (Pretsell, 2023). Embora muitos sexólogos de destaque reivindicassem por posturas mais tolerantes diante das condições vistas como anomalias, seus discursos também reiteravam as instituições normativas e os pressupostos hierárquicos que tangenciam aspectos de gênero, raça e classe.

Alguns dos conceitos produzidos pelas antigas teorias biomédicas, ou mesmo as lógicas que as sustentavam, podem parecer profundamente antiquadas ao leitor contemporâneo. Ainda assim, elas nos auxiliam a compreender pressupostos sobre sexualidade que ainda colorem as nossas lentes. Este trabalho ecoa a afirmação de Gayle Rubin (2012) de que há muito a aprender com o resgate da história que possibilitou tamanha proliferação dos discursos sobre a homossexualidade. No que se refere aos estudos queer, voltar os olhos para o passado é um trabalho de preservação de conhecimentos que podem ser avaliados, criticados e atualizados. A nossa herança, como produto de todo fazer humano, é recheada de nuances, tensões e contradições. Esta dissertação almeja contribuir com o resgate de um período histórico pouco investigado pelos campos de Gênero e Sexualidade no Brasil, e de um autor pouco explorado pela Psicologia Brasileira. Afinal, são produtos da antiga sexologia os termos parafilia, pedofilia, sadismo, masoquista e fetichismo ainda presentes no DSM-5.

### **Nota sobre a autora**

Me candidatei ao mestrado com um projeto sobre heteronormatividade em mente, no qual eu entrevistaria mulheres lésbicas e bissexuais sobre suas trajetórias. Eu havia saído da graduação com uma dezena de esboços de projetos nunca encaminhados, e cheia de energia para produzir algo que eu julgasse nascido do meu âmago. Com a herança das pesquisas qualitativas que ajudei a construir, ir a campo me parecia o que deveria ser feito, o processo necessário à minha validação como pesquisadora. Ingressar na pós-graduação em meio à pandemia e ao desastroso governo em curso foi no mínimo marcante. Difícil fazer sentido do futuro quando morte, mentira e descaso assumem a rédea. Segui, mais por desnorreamento do que por desejo de continuar. O conceito que eu havia escolhido, percebi, era um desafio. Como operacionalizar heteronorma, afinal? Quem sabe, resgatar a história que viabilizou a concepção dessa categoria me mostre o caminho.

Quanto mais adentrava o passado, mais importante e necessário eu julgava recuperá-lo. Como quando encontrei a leitura de *Coming to Power: Writings and Graphics on Lesbian S/M*, publicado pelo grupo SAMOIS em 1981, e vi todas as perguntas que me circundavam sendo feitas, refletidas e respondidas por mulheres lésbicas que me antecederam em décadas. Mulheres que viveram épocas de tremendas movimentações políticas e intelectuais, navegando embates divisivos dentro dos movimentos feministas. Foi como descobrir uma herança na qual me apoiar, vozes que ecoavam do passado para nutrir a minha alma de companhia e norreamento. Essas mulheres se dedicaram à confecção de memória para que um dia pudéssemos reavê-las, para que soubéssemos que as nossas questões não são inéditas ou solitárias.

Neste encanto crescente com os caminhos anteriormente trilhados, me debrucei sobre a consolidação do movimento homófilo nos Estados Unidos da década de 1950, necessário para a compreensão do movimento de liberação gay que se estabeleceu em seguida. Deste

último, a Teoria Queer herdou a radicalidade e a subversão. A cada leitura, notava as diferentes contribuições feitas mesmo pelos segmentos mais conservadores, defensores de estratégias de conformação e não de ruptura. A história se consolidou através desta dança de sintonias, dissonâncias e disputas. Neste momento, me deparei com a publicação de Lisa Carstens, *Unbecoming Women: Sex Reversal in the Scientific Discourse on Female Deviance in Britain, 1880–1920*, de 2011. Me lembro nitidamente das intensas emoções provocadas pela leitura de produções tão profundamente misóginas. Precisei de pausas para digerir meus sentimentos e prosseguir até o fim, absorvendo a história em suas expressões de crueldade.

Julgo ter sido este o instante em que elegi, ainda sem plena consciência da escolha, a sexologia como um novo percurso de investigação. Para recuperar e analisar o passado, era necessário tolerância às mais mobilizantes discordâncias e inquietações. Se este era um exercício pelo qual eu me interessava, esta era uma habilidade que deveria ser desenvolvida. Enquanto recuperava escritos tão antigos quanto *A Treatise on the Crime of Onan*, publicado por Auguste Tissot em 1766, notava haver um paralelo entre os discursos alarmistas sobre a sexualidade que circulavam séculos antes e os discursos conservadores e religiosos que dominam o atual pensamento político da extrema-direita brasileira. Eu havia encontrado mais trilhas da história que viabilizaram o presente.

Assim, gradualmente redirecionei minhas pretensões no mestrado. Foi necessário tempo para abdicar do pressuposto de que apenas a pesquisa de campo me validaria como acadêmica. No Estágio Docência, testemunhar as colegas reagirem aos textos sexológicos com a mesma mescla de interesse, surpresa e revolta me deu o último impulso para assumir este trabalho que, no fim, nasce do meu âmago. Apesar dos traços e limitações de uma principiante, certamente notáveis à minha leitora, creio que há nas páginas adiante redescobertas valiosas.

### **Nota sobre terminologia**

É importante contextualizar a linguagem da qual este texto fará uso, uma vez que recupera protagonistas, eventos e escritos de outra época. Ao longo da dissertação, a leitora irá se deparar com diversos termos considerados inadequados para o nosso tempo. Anomalia, hermafroditismo, perversão, invertido, sodomia e efeminado estão entre eles. Encaro a complexa e sensível tarefa de apresentar as particularidades do material analisado com a cautela necessária para me diferenciar das colocações do autor. Por isso, notifico a leitora que em muitos momentos farei uso desses termos sem me distanciar deles, mergulhando no contexto em que a obra sob análise é produzida e aderindo às suas categorias. Esta escolha foi guiada primariamente pela tentativa de evitar anacronismos. Sodomia e homossexualidade não podem ser tratadas como termos equivalentes, porque nascem em diferentes momentos da história e carregam pressupostos distintos. Se optasse por me distanciar desses termos a cada menção, a experiência de leitura se tornaria um tanto cansativa pela repetição. Peço que minha cara leitora tenha em mente as minhas justificativas. Não farei uso desses termos por apoiá-los ou por compartilhar das lógicas que os estruturam, mas para viabilizar uma imersão menos fragmentada no tempo histórico que me propus investigar.

### **Os pioneiros da *Scientia Sexualis***

A primeira tentativa de compor uma genealogia das anomalias sexuais no campo psiquiátrico nasce com a publicação de Heinrich Kaan, *Psychopathia sexualis*, na Alemanha de 1844. O livro propõe não apenas uma taxonomia que distingue a sexualidade normal da sexualidade anormal, mas tenta articular uma teoria da sexualidade que explique diferentes atos perversos, a conexão existente entre eles e a sua origem enquanto desvios do instinto natural. Escrito em latim e longe de ser um estouro de vendas, a obra de Kaan teve influência restrita sobre estudiosos da psiquiatria e nos introduz aos conceitos que naquele momento

possibilitaram mirar a sexualidade não enquanto um fenômeno estritamente anatômico, mas pautado também por instâncias psicológicas. Portanto, se inicia a construção das bases para um modelo psiquiátrico da sexualidade moderna.

Começemos pelo conceito de instinto sexual, ou *nisus sexualis*, apresentado por Kaan (1844/2016) como um instinto natural que emerge no período da puberdade para homens e mulheres. Segundo ele, neste momento a função do sistema genital acorda, passa a se articular com os sentidos externos (visão e audição se tornam mais agudas) e atravessar todas as esferas da vida mental e física, realçando diferentes características em ambos os sexos. Homens expressam sua atitude audaciosa, enquanto mulheres revelam sua modéstia. Kaan apresenta este instinto que, de modo semelhante às necessidades de fome e sede, induz o indivíduo a satisfazer a tarefa da procriação, presente em todo o reino animal e diretamente vinculada à preservação de sua espécie. Esta noção de um instinto intencional, moldado por e para um propósito, será contestada por outros sexólogos que veremos à frente. De todo modo, um dos aspectos mais importantes do entendimento expresso por Kaan é o de uma sexualidade que comparece desde a infância, manifestada pela curiosidade das crianças em relação aos seus órgãos sexuais. Se o desenvolvimento das funções sexuais tem início na infância, ainda que de formas mais sutis, a perversão do instinto sexual também será uma possibilidade desde tenra idade.

Ao teorizar sobre o que atravessa a sexualidade, Kaan compila fatores hereditários, educacionais, alimentares e geográficos. A propensão ao vício poderia ser derivada de uma família com temperamento sanguíneo; da falta de atividades na rotina infantil, bem como do excesso de estímulo durante este período; da ingestão de alimentos inapropriados para a idade, como café e chocolate; do uso de roupas muito apertadas; do sono excessivo ou faltante, do contato com lençóis muito macios; da vida sedentária ou de exercícios que

envolvam movimentos das genitais; do habitar regiões mais quentes e, portanto, mais ao sul do globo. Ao mesmo tempo que Kaan apresenta um instinto natural e imperativo, que ordena um desejo heterossexual ao orientar homens e mulheres para campos diferenciais que posteriormente justifiquem uma união harmoniosa entre seres complementares, ele descreve uma sexualidade profundamente suscetível à dissidência. A dinâmica da união elétrica entre os diferentes polos, por mais preciosa, estaria sob contínua tentação do desvio. À medida que avança na obra, a leitora certamente se questiona se há, no fim, possibilidade de sexualidade não perversa.

Poucos são os homens que se encontram imunes, pois a principal causa de perversão não está fora, mas dentro. Nos pervertemos, segundo Kaan, porque imaginamos. Em toda distorção do instinto sexual haveria contribuição da imaginação adoecida, que busca caminhos alternativos para satisfazer o desejo sexual e se opõe às leis da natureza. Todas as formas de desvio teriam como pilar basal uma imaginação excessiva, difícil de restringir uma vez liberta, estando o perverso suscetível ao encadeamento ou sobreposição de perversões. Neste contexto, qualquer alternativa ao sexo heterossexual penetrativo será considerado patológico, pois este é o único formato sancionado pela natureza. Na taxonomia de Kaan há seis aberrações sexuais, sendo elas masturbação, pederastia, amor lésbico, necrofilia, bestialidade e violação de estátuas. Dentre estas, merece descrição a noção de amor lésbico, que para o autor consistia em gratificação sexual através de atrito entre os corpos, ou tribadismo, seja entre homens ou mulheres. A masturbação recebe atenção e condenação especiais por ser compreendida enquanto uma porta de entrada para outras práticas. Em muitos dos casos descritos por Havelock Ellis, a prática de sexo anal, chamada pelo termo em latim *paedicatio*, era repudiada por muitos homens que faziam sexo com homens, de modo que parte significativa do erotismo se desenrolava através da masturbação mútua, do sexo oral e do atrito de genitais. As categorias de Kaan valem a menção, mas não tiveram

contribuições revolucionárias para o campo, tendo em vista a escassez de elaboração e evidências científicas. Uma proposta de taxonomia de fato transformadora seria publicada mais de quatro décadas depois sob o mesmo título.

Antes disso, no entanto, Karl Heinrich Ulrichs deixou sua importante contribuição para uma teoria da sexualidade que viabilizasse o entendimento da homossexualidade como condição inata. Entre 1863 e 1865, este jurista alemão, não raramente descrito como o primeiro ativista homossexual da história, publicou sob o pseudônimo Numa Numantius uma série de cinco escritos em defesa de uma sexualidade naturalmente variável e plural (Kennedy, 1997). Depois disso, Ulrichs revela sua identidade e passa a se manifestar publicamente pela escrita de outros sete panfletos. Havelock Ellis (1897/2008) reconhece que Ulrichs esteve durante muitos anos sozinho em seus esforços para conquistar reconhecimento científico da homossexualidade congênita. Tentando forjar novos caminhos linguísticos para se referir às dissidências sexuais sem o estigma dos termos médicos e sociais (pederasta e sodomita eram os mais comuns), Ulrichs propõe os termos *Urning* e *Dioning* para se referir a homens homossexuais e heterossexuais, respectivamente; *Urningin* e *Dioningin* para se referir a mulheres homossexuais e heterossexuais; e *Uranodioning* e *Uranodioningin* para se referir à bissexualidade. Note que uso as noções contemporâneas de homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade como mero esforço de tradução, tendo em vista que estes termos ainda não haviam sido criados.

Apesar de no primeiro momento ter dedicado muito de sua análise às relações entre homens, o autor seguiu ampliando suas lentes teóricas diante de novos relatos. A teoria de Ulrichs apresenta a classificação de intermediários sexuais, indivíduos cujo desejo e maneirismos não são determinados pela biologia sexual binária eleita pelo conservadorismo, mas por uma natureza que nutre diversidade. Esta nova epistemologia da sexualidade, que

viabiliza as mais variadas gradações no campo do erotismo e expressão de gênero, permitirá a defesa de uma ciência mais comprometida com o conhecimento e menos influenciada pelas classificações morais. A diferença entre a heterossexualidade e outras expressões sexuais era, segundo Ulrichs, uma questão quantitativa que deveria nos aproximar da diferença entre maioria e minoria, nos distanciando da distinção entre natural e não natural. Existem espécies raras na natureza, o que não as torna menos naturais. E ainda, argumentou Ulrichs, existem espécies esteticamente repugnantes para os humanos, o que também não as torna menos naturais. A sociedade não detinha, portanto, motivos razoáveis para limitar direitos das minorias vistas como abomináveis (Leck, 2016).

Ulrichs desenvolverá uma teoria da sexualidade orientada pelas investigações médicas do século XIX sobre desenvolvimento embriológico, morfologia e hermafroditismo. Vale a pena nos debruçarmos sobre este tema para compreendermos as bases que sustentarão a conhecida teoria da bissexualidade. Embora a discriminação dos sexos estivesse orientada primariamente pela distinção de genitais, estas não eram as únicas características físicas diferentemente atribuídas a homens e mulheres. Os atributos psicológicos eram tão importantes quanto os corporais, tendo em vista que a disposição social e emocional era compreendida como produto da determinação anatômica. Assim, mulheres que fumavam sinalizavam um desvio tão relevante quanto aquelas que detinham pelos faciais. Homens que se miravam no espelho expressavam uma banalidade tão categoricamente feminina quanto aqueles que detinham quadris largos. Presumivelmente, testículos significavam desejo por mulheres e ovários significavam desejo por homens, de modo que a homossexualidade passa a ser articulada enquanto uma expressão do hermafroditismo.

Guiado por publicações da época sobre a presença de características sexuais rudimentares do sexo oposto tanto em homens quanto em mulheres, Ulrichs propõe que

mulheres masculinas e homens femininos são variações do hermafroditismo que possibilitava o desenvolvimento de uma alma dissidente, mesmo quando não havia anormalidades anatômicas. Um homem feminino, leia-se homossexual, detinha uma alma de mulher confinada em um corpo de homem, pois não havia atravessado um completo processo de supressão dos elementos do sexo oposto. A noção de desenvolvimento interrompido, frequentemente utilizada pelas tradições francesas para se referir à falha de um organismo em atingir seu potencial total e ideal, seria utilizada para contra-argumentar que intermediários sexuais seriam formas inferiores de hermafroditismo, retrocessos evolutivos derivados do enfraquecimento físico e moral, ao invés de iguais diversos (Dreger, 1998).

A produção intelectual de Ulrichs caminhava em conjunto com sua astúcia política. Ele temia que o Reino da Prússia avançasse sobre a Alemanha e aplicasse a este território suas leis anti-sodomia. Seus receios se tornaram realidade quando a vitória da Prússia na guerra contra a Áustria possibilitou a anexação de Hanôver em 1866 e Ulrichs se tornou um alvo, sendo preso e posteriormente banido. Deste modo, a jurisdição do Parágrafo 175 se tornou vigente em todos os estados do Império Alemão e o sexo entre homens passou a ser criminalizado. Justo neste período, Ulrichs tenta se comunicar com Richard von Krafft-Ebing e compartilha com ele as suas publicações. Os dois seguiriam em contato por quase 30 anos, sendo a última correspondência em 1894, ano anterior à morte do jurista. Aquele psiquiatra alemão, que se tornaria o mais conhecido dos sexólogos do século XIX, foi influenciado pelo trabalho de Ulrichs e contribuiu para o avivamento do debate em torno da homossexualidade. Apesar da respeitosa interlocução entre os dois, Ulrichs seguiria crítico à patologização da atração pelo mesmo sexo, ainda que psiquiatras como Krafft-Ebing partissem de uma postura mais empática. A partir deste momento, podemos falar de homossexualidade e heterossexualidade sem tão drásticos anacronismos, pois os termos são cunhados no ano 1869 por Karl Maria Kertbeny, escritor e ativista húngaro que, como Ulrichs, buscava termos

menos condenatórios (Féray et al., 1990). Notamos então que as produções e disputas sobre sexualidade não estavam restritas ao contexto biomédico, com importante participação daqueles que se preocupavam com as repercussões jurídicas e políticas deste debate. Nesta troca de material entre o universo das ciências médicas e a sociedade, muitos dos novos conceitos elaborados nesta era de pensamento efervescente foram rapidamente adotados em outros espaços. Apesar do papel influente da psiquiatria francesa, Alemanha e Áustria teriam um tom determinante na transição de século (Oosterhuis, 2000).

Em 1886, é publicado o *Psychopathia sexualis* de Richard von Krafft-Ebing, a obra mais influente para a linguagem da sexologia nos anos seguintes, e visa, nas palavras do autor, registrar as várias manifestações psicopatológicas da vida sexual no homem e reduzi-la às suas condições legais (von Krafft-Ebing, 2011). Ele direcionava a sua escrita aos profissionais da medicina e do direito, enquanto os responsáveis pela avaliação e determinação em corte dos casos considerados imorais e, portanto, dignos de condenação. A prevalência de ideias equivocadas sobre o que seriam sexualidades criminosas resultava em injustas decisões e um sistema classificatório, ainda que imperfeito e provisório, poderia ajudar. Antes de morrer, Krafft-Ebing trabalhava na décima-segunda edição do livro, que a cada revisão abraçava novas categorias. A categoria de sentimento sexual contrário, originalmente proposta por Westphal, é utilizada em Krafft-Ebing para falar sobre inversão sexual, diferenciada em suas formas congênita e adquirida. Quando constitucional, o sentimento sexual contrário foi subcategorizado em: hermafroditismo psíquico (atualmente, bissexualidade), homossexualidade, efeminação (em homens), viragonidade (em mulheres), androginia (em homens) e ginandria (em mulheres). A partir desta referência, a homossexualidade não envolve sinais de inversão física e se atém à atração por pessoas de mesmo sexo, enquanto na efeminação e viragonidade esse desejo é acompanhado por características sexuais do sexo oposto (Oosterhuis, 2000). Quanto mais grave o quadro, mais

aspectos da organização binária do indivíduo seriam invertidos, incluindo seus sentimentos, inclinações e características físicas. Portanto, o sentimento sexual contrário é visto como um fenômeno anormal capaz de se manifestar em diferentes intensidades, podendo abarcar o desejo sexual, as tendências comportamentais e os elementos corporais.

Nitidamente, as explicações biomédicas para os fenômenos da sexualidade se tornaram centrais. As sexualidades não procriativas passam a se inserir no âmbito do adoecimento mental, regidas pela psiquiatria em sua busca pelas origens psicológicas das perversões. Os fatores ambientais são evocados, mas o papel da hereditariedade é cada vez mais importante para a compreensão dos traços morais e intelectuais do indivíduo. Se os elementos de uma sexualidade perversa estavam frequentemente restritos ao âmbito privado, sem evidentes alterações no corpo ou na apresentação pública, a vida interior se torna alvo primário de investigação. Neste momento, trilhamos o caminho em direção ao inconsciente. Krafft-Ebing estabelece a categoria masoquismo para se referir à experiência do indivíduo cujo desejo é se submeter ao domínio, humilhação e abuso de um parceiro do sexo oposto. Ele ressalta a relevância da fantasia, da imaginação e do simbólico: para o masoquista, o ato tem apenas um valor simbólico e é um meio para a satisfação mental final de seus desejos peculiares (von Krafft-Ebing, 2011). A análise das fantasias mais íntimas e diversas foi viabilizada pelo acesso aos casos de outros profissionais, em um primeiro momento, mas também pelo relato voluntário de pessoas que após a primeira publicação de *Psychopathia sexualis* ansiavam pela atenção médica do psiquiatra alemão. Muitos confessaram seus sofrimentos e angústias por se sentirem desajustados, defeituosos e monstruosos em suas vivências. Neste período, Krafft-Ebing ganhou crescente visibilidade pelo uso da hipnose como ferramenta terapêutica, pois acreditava no potencial da sugestão para o redirecionamento do desejo em alguns casos. Em outros, nos quais julgava estar a perversão

muito enraizada na constituição individual, reconhecia a dificuldade da cura e incentivava a aceitação de sua condição por parte do paciente.

Albert Moll foi outra figura atraída pela prática da hipnose na Europa Central do final do século XIX e de grande importância para a sexologia, embora seu tempo de relevância tenha sido atenuado por conflitos com diferentes figuras de seu campo. Em 1891, ele publica *Die conträre Sexualempfindung*, um dos primeiros livros médicos exclusivamente dedicados à homossexualidade. Neste momento de sua carreira, Moll defendia uma abordagem humanista e solidária à homossexualidade, assinando em 1897 uma petição enviada ao Parlamento Alemão em defesa da abolição do Parágrafo 175. Em 1898, Moll publica *Libido sexualis*, obra em que sugere uma fase indiferenciada do sentimento sexual na infância, de modo que não seria possível definir a orientação sexual de uma criança. Não raro haveria a manifestação de desejos que em fases mais avançadas do desenvolvimento sexual estariam enquadrados entre as perversões. A hipótese de Moll não compreende os impulsos sexuais enquanto condicionados à maturidade genital, que transcorre durante a puberdade, e sugere que eles podem se desenvolver muito antes. Ainda assim, a puberdade seria um período organizador dos impulsos, de modo que as manifestações de sentimento sexual contrário, ou homossexualidade, seriam em grande parte encaminhadas para a direção normal e heterossexual. Com isso, Moll diverge das crenças iniciais de Freud de que fenômenos sexuais na infância, como a masturbação, seriam indicativos de sedução por adultos e levariam à predisposição ao comportamento desviante na vida adulta (Maehle & Sauerteig, 2012). Porque temporários, esses episódios não seriam problemáticos.

Moll antecipou a separação da homossexualidade de outras formas de sentimento sexual contrário como a androginia, esboçando uma diferenciação entre quadros associados à sexualidade e quadros associados ao gênero, além de enfraquecer o pressuposto de que o

desejo sexual operava sobre a atração entre polos opostos. Ainda assim, o julgamento de Moll sobre a homossexualidade era ambivalente. Apesar de compreendê-la enquanto fenômeno patológico na vida adulta, Moll reconhecia aproximações entre a homossexualidade e a heterossexualidade, tendo em vista que ambas as expressões carregavam o potencial de vinculação relacional consensual e igualitária, ao contrário de outras condições consideradas perversas (Oosterhuis, 2020). No entanto, suas perspectivas sobre o tema tomam contornos mais radicais a medida em que Moll se torna um crítico de Magnus Hirschfeld, um dos pioneiros do movimento homossexual na Alemanha e, nesta época, diretor do Comitê Científico-Humanitário. Moll se apresentava enquanto defensor de uma ciência pura e se incomodava profundamente com a popularização do debate sobre sexualidade que Hirschfeld promovia, o acusando de agitação política e de produção de conhecimento enviesada, tendo em vista que Hirschfeld era homossexual. Eventualmente, Moll passa a defender a possibilidade de cura a partir da repressão somada ao estímulo de tendências heterossexuais, além de retratar a homossexualidade de formas cada vez mais estigmatizantes. Ele parecia se angustiar com o crescente espaço da sexualidade na esfera pública e afirmava testemunhar as repercussões negativas desta mudança em sua clínica, através da escuta de pacientes apreensivos com a possibilidade de serem detentores de uma sexualidade perversa. Esta era uma crítica que lançava também à Psicanálise, que ele alegava provocar mais repercussões negativas que benéficas. Além das tensões com Hirschfeld, uma duradoura rivalidade com Freud é um dos contínuos de sua biografia. Curiosamente, Moll e Freud faleceram no mesmo dia. Apesar de sua radical transformação de pensamento, Moll foi uma figura influente para os debates de sua época e, como veremos adiante, contribuiu para a estruturação do trabalho de seus contemporâneos.

## **A figura de Havelock Ellis**

Henry Havelock Ellis, nascido em 5 de fevereiro de 1859 no distrito de Croydon, na região sul de Londres, era filho de Edward Peppen Ellis e Susannah Wheatley. Descendente de uma família puramente inglesa, que migrou do condado de Suffolk para Londres, Ellis cresceu em um ambiente gentil e religioso. Como capitão de barco, seu pai estava em casa apenas três meses por ano, de modo que sua mãe exerceu o papel de cuidado mais significativo em sua vida. Seu interesse pelo tema da sexualidade emerge ainda durante a adolescência, enquanto passeava por exposições de arte e observava cuidadosamente a nudez retratada em pinturas e esculturas, registrando com detalhes as reflexões por elas evocadas (Peterson, 1928). Ele se interessava pelas investigações científicas e expressava ânimo com as transformações sociais por elas encabeçadas, sem identificar durante os primeiros anos de ampliação intelectual qualquer conflito entre a sua herança teológica e a ciência evolucionista.

Ellis logo reconhece o seu interesse pela experiência humana, mediado pelos campos da fisiologia e da psicologia. Aos 16 anos, agora um jovem morador de Sidney, a milhares de quilômetros de sua terra natal e trabalhando como professor, ele se sente estranhamente perturbado e atraído pelas questões do sexo. Durante os quatro anos na Austrália, confrontado com os desafios de uma vida solitária, Ellis aprofunda seus conhecimentos literários e encara mais diretamente a dualidade inerente à sua geração, em que a religião não estava completamente ultrapassada, mas seus pressupostos eram continuamente desafiados pelo dogmatismo de seu tempo (Weeks, 2000). Confiante de que a ciência poderia, guiada por princípios humanistas, encontrar a verdade sobre a natureza humana, Ellis decide seu caminho profissional. Em 1879, retorna à Inglaterra e concretiza seus estudos em medicina na St. Thomas, um dos mais antigos hospitais de Londres. Ele não expressava grande encantamento pelo exercício da profissão e sabia que o percurso como médico era um meio

de alcançar os temas que verdadeiramente o cativaram, e sobre os quais sentia que tinha algo a dizer. Durante a sua atuação no St. Thomas, Ellis iniciou a coleta de dados para o que seria, mais de uma década depois, a destacada publicação de *Man and Woman* (1894/1929). A obra se dedicava à consideração sobre quais seriam as diferenças artificiais entre os sexos, derivadas da tradição e do ambiente, e quais poderiam ser atribuídas à constituição orgânica. Os princípios da crescente biologia positivista se expressam em sua conclusão de que os homens foram feitos para a história, enquanto as mulheres foram feitas para a reprodução. Seu estudo se tornou um clássico e estimulou novas pesquisas nesta que era uma área incipiente da antropologia, além de encaminhá-lo para o que seria o seu maior trabalho.

Um influente acontecimento na vida de Ellis foi o seu casamento com Edith Mary Oldham Lees, uma mulher espirituosa e extrovertida. O matrimônio foi um experimento motivado por camaradagem, de modo que atração e paixão ocupavam pouquíssimo, se é que qualquer espaço (Ellis, 1939). A relação foi marcada por muitos períodos de distância e Edith, uma mulher lésbica, nutriu diversos relacionamentos com outras mulheres durante sua vida, casos dos quais Ellis estava ciente. Não é clara a importância que a homossexualidade de Edith teve no interesse do autor pelo tema, mas fato é que o assunto se tornou foco de suas investigações. Ellis tentava obter informações por meio de Edith, a questionando sobre suas amizades homossexuais a ponto de chateá-la e fazê-la se sentir usada em prol de seu trabalho. A dedicação à questão da inversão sexual se aprofundou após descobrir que mais pessoas próximas, dentre elas os poetas John Addington Symonds e Edward Carpenter, expressavam atração pelo mesmo sexo. Ellis se dedicava à leitura de casos compilados por outros autores e pelo diálogo com pessoas ao redor. Symonds havia publicado *A Problem in Greek Ethics* em 1873, após encontrar na literatura grega acolhimento de seus desejos homossexuais. Ainda assim, o poeta inglês acreditava que apenas com a consolidação de conhecimento médico e científico emergiriam as bases para uma legislação mais libertária. O

interesse comum levou à parceria entre Ellis e Symonds para a publicação de *Sexual Inversion*, cuja primeira edição em idioma alemão foi lançada em 1896. Infelizmente, Symonds adoece em abril de 1893 e não vive para ver o lançamento da obra, interpretada por sua família como uma ofensa absoluta (Brome, 1979).

Da primeira à última edição de *Sexual Inversion*, publicada em 1915, Ellis mantém a afirmação de que mais benéfico é o incentivo à saúde, ao autocontrole e autorrespeito, do que a conversão do invertido sexual a um simulacro de normalidade. O tom de razoabilidade de Ellis, não apenas se distanciando dos extremos, mas lançando críticas abertas àqueles que se apresentavam diante do tópico com certa superioridade moral, era uma exceção à época. Após ganhar notoriedade na Alemanha, Ellis se prepara para publicar *Studies in the Psychology of Sex* em inglês, no contexto de uma conservadora Inglaterra Vitoriana que em 1885 sanciona a Emenda Labouchère, transformando em crime qualquer ato de indecência grosseira realizado entre homens em esfera pública ou privada. O acusado estava sujeito à prisão por qualquer período não superior a dois anos, com ou sem trabalhos forçados (Smith, 1976). Esta Inglaterra não era apenas conservadora, mas atravessava também enormes ansiedades. Diante das rápidas mudanças econômicas e sociais, a sociedade britânica se debruçava sobre efervescentes debates quanto à moralidade, saúde pública, taxa de natalidade, controle populacional, prostituição e tantos outros (Weeks, 2002). No apego aos valores tradicionais se manifesta a aflição gerada pelas mudanças relacionais, incluindo as mudanças nos papéis de gênero com a presença de mulheres entre a classe trabalhadora das fábricas.

Ellis havia tentado publicar sua obra na Inglaterra, mas sem sucesso entre as editoras que expressavam interesse, mas também ciência dos riscos. Em 1897, *Sexual Inversion* é publicado em Londres como o primeiro volume de *Studies in the Psychology of Sex*, apenas sob o nome de Ellis, uma vez que o advogado de Symonds revoga a autorização para

publicação de suas contribuições. Em novembro de 1898, a revista *The Lancet* lança um editorial sobre o que caracterizam como literatura indecente, explicando os motivos pelos quais o livro de Ellis não havia sido avaliado em suas colunas. Em meio a tantas dificuldades, o médico chega à decisão de não insistir na publicação dos volumes seguintes na Inglaterra. A partir de 1901, *Sexual Inversion* passa a integrar o segundo volume de *Studies*, agora disponível nos Estados Unidos. A maior obra da vida de Ellis é finalizada apenas em 1928, com a publicação dos textos finais de seu sétimo volume.

### **A Psicologia do Sexo de Havelock Ellis**

Em 1933, Ellis publica *Psychology of Sex*, um manual voltado para profissionais e estudantes da medicina que se propunha uma obra concisa e introdutória à Psicologia do Sexo. Em seu prefácio, comunica aos leitores que a sexualidade não é mais uma questão a ser ignorada ou tratada como se indecência fosse. A sexualidade exerce um papel central na psiquê e nas dinâmicas sociais, tangenciando preocupações de todos (Ellis, 1933/1948). Ele afirma que em seus escritos os leitores encontrarão não apenas informações sobre sexualidade anormal ou patológica, mas que o fenômeno do sexo normal, a vivência de homens e mulheres normais, também está entre seus principais interesses. Ainda assim, o seu trabalho revela que não existe nítida fronteira entre anormal e normal, havendo em toda sexualidade normal sutis expressões de anormalidade, e em toda anormalidade os impulsos compreendidos como fundamentais ao organismo.

Guiados pela desinformação e por preconceitos antiquados, muitos praticantes da medicina tratavam questões concernentes ao sexo com descaso, especialmente aquelas categorizadas enquanto perversões. Ellis está entre os médicos que advogam por uma postura aberta e respeitosa, apesar de justificar a abordagem com a necessidade de estar atento às especificidades da condição de um paciente se o objetivo é restaurá-la à normalidade. Há uma

sensibilidade na escrita do autor ao ressaltar a existência de variações individuais e a possibilidade de equívoco por parte do médico que concebe uma condição de normalidade apartada da escuta. Ele propõe a identificação da norma de cada indivíduo, a investigação de sua constituição psico-sexual inata, evitando a sugestão de caminhos que, apesar de normal para outros, podem não ser o normal para aquele paciente (Ellis, 1933/1948). Antecipando uma conexão posteriormente popularizada nas reflexões teóricas de Foucault, Ellis aponta para a semelhança entre o processo catártico, como nomeado pela Psicanálise, e o processo de confissão desenvolvido pelo Catolicismo. Mesmo quando se percebia incapaz de ajudar, o médico poderia se surpreender com os efeitos positivos resultantes do compartilhamento do que antes encontrava-se suprimido, reconhecendo valor não apenas no que é introduzido ao paciente, mas também no que é removido, aliviado, abrindo espaço para um processo de restauração.

No que tange às influências dos fatores congênitos e dos fatores adquiridos, Ellis faz constante uso da analogia solo e semente para afirmar que não há desenvolvimento sem terra fértil. Ou seja, qualquer influência sobre o indivíduo depende de reverberação sobre o que há nele desde o princípio, da associação entre a experiência e as tendências herdadas. O autor elabora sobre dois conceitos, inspirados pelas proposições de Albert Moll, para decompor as fundações do impulso sexual: tumescência e detumescência. Tumescência se refere ao processo de atração, de manifestação dos símbolos eróticos individuais através da seleção de parceiro, de acúmulo de energia sexual. Detumescência é o momento seguinte, em que o ato sexual permite a liberação dessa energia acumulada (Sigusch, 2012). Ellis se utiliza desses termos para descrever os diferentes fenômenos corporais que caracterizam esses dois momentos, demarcando semelhanças e contrastes entre homens e mulheres. A detumescência provocaria nos homens repouso muscular, queda da pressão arterial, sensação de bem-estar e

certa lassidão. Nas mulheres, os efeitos seriam os mesmos, mas apesar da sensação de relaxamento, haveria muitas vezes um acréscimo de energia (Ellis, 1933/1948).

A experiência dessas duas etapas é mediada pelos sentidos do toque, olfato, audição e visão. O toque é apontado por Ellis como o mais primitivo dos sentidos e primário na vivência dos impulsos, especialmente para as mulheres, em que o toque assumiria forte relação com a emocionalidade. Sobre este assunto, o autor adiciona que a excitação via zonas erógenas deve ser considerada uma variação normal, exceto quando tenta substituir o sexo penetrativo. Apesar de ter o seu papel atenuado em condições de civilização em que a visão se tornou predominante, o olfato é considerado por Ellis o sentido mais conectado à imaginação e memória. É um elemento importante na dinâmica da atração e da repulsa, embora não determinante da escolha, e assim como o toque seria mais importante para as mulheres, detentoras de olfatos mais apurados. A audição em sua relação com a voz e a música teria importante função no processo de cortejo, sendo a voz do homem mais importante na sedução de mulheres do que o sentido inverso. Por fim, Ellis aborda o sentido da visão, permeado pela noção da apreciação estética e pelos ideais de beleza. Esses traços que compõem o entendimento de beleza, para homens e mulheres, estariam atravessados pelo desejo e seriam relativamente objetivos. Mesmo os homens primitivos, para usar os termos do autor, tendem a enxergar mais beleza nas mulheres europeias que nas mulheres de sua raça, sugerindo como base desta valorização diferenciada algo inerente à evolução.

Interessante notar que ao discorrer sobre a visão, Ellis se debruça sobre as diferenças entre o primitivo e o civilizado, as culturas baixas e as culturas altas. Podemos assumir que, como a visão possibilita a distinção de cor e traços racializados, é nesta seção que o autor aciona noções hierarquizantes. Ele argumenta que as culturas mais primitivas são aquelas que atribuem maior valor à visão dos órgãos genitais, à sua exibição e ornamentação. Em

sociedades civilizadas, leia-se brancas e europeias, as características sexuais secundárias seriam consideradas as mais atraentes, dentre as quais se destacam os quadris e as nádegas das mulheres por sua associação com a função reprodutiva. Os quadris mais largos seriam elementos pertencentes às raças mais elevadas, que possuiriam crânios maiores, e que também cultivaria uma destacada atração por seios. A meditação sobre beleza está nitidamente concentrada nos traços corporais de mulheres, e Ellis afirma que não há admiração correspondente pelos traços de homens, exceto na paixão de homens homossexuais. Para as mulheres, as expressões de força mental e física seriam mais importantes que a estética, pois enquanto pólo passivo da relação elas priorizariam sinais de energia e vigor.

Retirar o sexo do lugar pressuposto e colocá-lo sob investigação evidenciou que, mesmo na esfera da normalidade, não era possível falar de um único padrão para a vida sexual, mas de inúmeras variações. Nas lentes de Ellis, todas essas variações deveriam, em algum momento, incluir o objetivo da procriação para serem consideradas normais. Aquelas que fogem inteiramente à procriação deviam ser intituladas anormais e desviantes. O autor afirma a sua posição de abandonar o antigo termo perversão, ou *perversion*, por sua forte conotação condenatória, proveniente de tempos anteriores à consolidação científica e usada para apontar sexualidades então vistas como criminosas e pecaminosas. Apesar de manter esta diferenciação entre normalidade e anormalidade, é notável o esforço de Ellis para se distanciar de leituras estigmatizantes, cujos efeitos sobre os sujeitos poderiam ser piores que o desvio em si. O termo deslocamento, ou *displacement*, também é dispensado pelo autor, por indicar uma rigidez não aplicável ao impulso sexual em seus aspectos dinâmicos e mutáveis.

Para exemplificar o limiar entre normal e anormal para Ellis, pensemos no fenômeno e na categoria do fetiche. Durante o processo de apaixonamento, há expressões de fetiche

consideradas usuais, em que certas características da pessoa amada ou itens associados a ela assumem importante valor simbólico. Se essas características se tornam tão centrais para a experiência erótica a ponto de evocarem tumescência e detumescência, tratamos do anormal. O fetiche assume então a capacidade de realizar o que apenas o encontro sexual com um objeto de desejo normal devia ser capaz. De maneira semelhante, é possível reconhecer as expressões normais em que a associação entre dor e prazer se manifestam, mas quando infligir ou se submeter à dor se tornam canais equivalentes ou ainda mais importantes que a penetração para o impulso sexual, estas se tornam práticas denominadas como sadismo e masoquismo.

Portanto, toda condição anormal opera sobre as mesmas leis fisiológicas que regem a condição normal. Ellis reitera esta aproximação e a complexidade deste limiar, afirmando que menos importa compreender se determinada prática é anormal, e mais se ela é prejudicial. As sexualidades desviantes, por mais incomuns ou repugnantes, não necessariamente demandam condenação e interferência. O desvio se torna um problema a ser manejado apenas quando prejudicial para a saúde do sujeito, ou quando ameaça a saúde e os direitos de outra pessoa. A masturbação durante a adolescência, por exemplo, não poderia ser adequadamente intitulada perversão, pois é justificada pela ausência do objeto de desejo normal. Os parâmetros da sexualidade adulta não devem ser aplicados aos seres em desenvolvimento, afirma Ellis, devendo haver parâmetros de normalidade distintos para cada etapa. Se as expressões da sexualidade infantil e juvenil persistem a ponto de substituir o objetivo do sexo durante a vida adulta, nos deparamos com o perverso.

Além disso, a normalidade não pode ser ponderada privilegiando o papel das correntes de pensamento, sociais e religiosas. Ellis reconhece que negligenciar o caráter mutante do entendimento social sobre o sexo estaria próximo à ironia, tendo em vista que a

sua profissão, no entrelaço entre medicina e sexualidade, se tornou viável devido às mudanças de pensamento de sua era. O entendimento sobre a masturbação é uma amostra destes reposicionamentos. Os estudos desenvolvidos no século XIX falhavam em encontrar associação entre masturbação e insanidade, uma relação frequentemente defendida até então (Crozier, 2008b; Hall, 2003). Ellis estava entre aqueles que adotavam uma visão menos extravagante da prática, mas mantinha atenção aos casos em que a masturbação representava uma ameaça à satisfação sexual pelos canais considerados por ele normais.

### **Método**

A pesquisa de campo é amplamente disseminada entre pesquisadores principiantes das ciências humanas; no entanto, a ânsia por apreender as estruturas em suas expressões contemporâneas pode nos levar ao equívoco de subestimar os acontecimentos que tornaram o presente possível. Esta investigação propõe uma análise documental de obras do médico e psicólogo britânico Havelock Ellis, examinando um importante material para a consolidação da sexualidade como a compreendemos e um conteúdo escassamente abordado no Brasil. Este método consiste na análise de diferentes registros, em diferentes formatos, podendo tomar como objeto de estudo documentos em suas formas visuais, como fotografias e vídeos, ou textuais, como jornais e livros (Morgan, 2022). Selecionada a matéria-prima, é necessário organizar, interpretar e extrair as categorias de análise segundo os objetivos da investigação.

Nesta pesquisa, a escolha do material e as lentes sobre ele depositadas foram orientadas pelos interesses teóricos dos Estudos Queer e, dentro deste recorte, pela noção de heteronormatividade. Sob influência dos conceitos de heterossexualidade compulsória (Rich, 1980), sistema sexo-gênero (Rubin, 1990) e pensamento heterossexual (Wittig, 1992), heteronormatividade endereça o pressuposto de que a heterossexualidade é a dinâmica de desejo natural e preferencial, identificando os discursos e práticas responsáveis por sua

manutenção. Analisar as expectativas e regulações operadas pela heterossexualidade interessa às investigações homossexuais não apenas por esses termos terem se consolidado lado a lado, enquanto opostos, mas também por sua dependência da divisão de gênero. Não é possível pensar a heterossexualidade enquanto mera expressão sexual, pois ela estabelece intersecções com aspectos não sexuais da experiência social (Jackson, 2006). Neste sentido, olhamos para um estilo de vida normalizado e legitimado através de tecidos econômicos, legais, políticos, educacionais e religiosos. A centralidade dos rituais associados ao matrimônio e à reprodução, formatados para ressaltar a noção de complementariedade essencial e mística nas relações sexuais e românticas entre homens e mulheres, reitera a marginalização de outros arranjos (van der Toorn et al., 2020). As compreensões essencialistas de gênero, sexualidade, família e parentalidade são estrategicamente utilizadas para afirmar validade, funcionalidade e superioridade supostamente inerentes às vivências cisgênero e heterossexuais, e em contraste insinuar insuficiência e deformidade nas experiências e laços queer (Pollitt et al., 2019).

Diante destes elementos-chave, esta pesquisa buscou identificar (a) o entendimento da homossexualidade, ou inversão sexual, na escrita do sexólogo Havelock Ellis, com foco nas bases naturalistas que o fundamenta; (b) as definições de homem e mulher, masculino e feminino, com foco em suas influências sobre o fenômeno da inversão sexual. Entre a ampla gama de escritos produzidos por Ellis, foram selecionadas as obras *Sexual Inversion* (1897/2008), em sua versão originalmente publicada com John Addington Symonds; e o quinto capítulo de *Psychology of Sex* (1933/1948), intitulado *Homosexuality: Sexual Inversion*. Estas escolhas se justificam por serem as publicações que tratam diretamente do tema da homossexualidade. Para complementar o entendimento do autor sobre os binários de gênero, foi selecionada também a obra *Man and Woman* (1894/1929). Guiada pelos interesses da pesquisa, foram produzidos três temas derivados da análise documental, sendo eles (a) As

bases hermafroditas da homossexualidade; (b) Homens e mulheres normais, homens e mulheres invertidos; (c) Degenerescência e colapso.

## **Resultados**

### **As bases hermafroditas da homossexualidade**

Em 1859, Darwin apresenta em sua obra *Origin of Species* a hipótese de que os traços desenvolvidos pelas espécies ao longo dos anos evoluem e persistem para auxiliá-las. Para que algum traço tenha se estabelecido, é necessário que ele tenha favorecido a vida da espécie, seja no tempo presente ou em tempos remotos. A seleção natural, como ele intitulou este processo, não agiria em desfavor da espécie, mas tenderia a aprimorar seus indivíduos na luta pela sobrevivência. Ainda assim, alguns traços herdados poderiam se tornar obsoletos diante de novos contextos e hábitos. Em 1871, o autor publica *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, no qual elabora sobre a seleção natural e seus caminhos na humanidade, apontando para as diferentes características salientadas em homens e mulheres, tendo em vista suas posições também diferenciadas na seleção sexual. Eles, que disputam a competição pelas fêmeas, teriam tido ressaltados os traços de força e virilidade. Elas, que são disputadas, teriam tido ressaltados os traços de beleza e fecundidade (Rosario, 1997). Sendo assim, Darwin estabelece um continuum entre animal e humano, no que tange ao corpo e à mente. As características sexuais secundárias que justificariam tendências mentais distintas para homens e mulheres logo passaram a ser utilizadas para estabelecer a naturalidade da inferioridade feminina. George John Romanes (1887/1987), fisiologista que nutriu uma relação direta com Darwin, aciona esta estrutura teórica para afirmar que a mente das mulheres, especialmente no que tange a decisões e julgamentos, está consideravelmente abaixo da mente dos homens. A ação desgovernada das emoções as tornariam incapazes de imparcialidade, e mesmo em campos aos quais teriam tido acesso, como poesia, música e

pintura, elas falhariam em se aproximar da originalidade masculina. Encontrar uma mulher com a determinação e o propósito essenciais à mente masculina seria uma raridade, afirma o autor.

Buscam-se bases materialistas para justificar uma distinção natural e, portanto, inviolável, entre homens e mulheres. Guiado pelas lentes utilitaristas, Darwin aponta para a existência de características, como a cauda de um pavão, que não poderiam ser justificadas pela busca por sobrevivência, mas sim pelo sucesso na seleção sexual. O dimorfismo sexual teria se tornado um traço vantajoso no processo de cortejo e possibilitado o desenvolvimento de habilidades mentais mais complexas, como a rivalidade e a atração estética, dois elementos-chave para a seleção sexual. Em espécies de classes mais baixas, afirma o naturalista, a união dos dois sexos em um único indivíduo era comum, pela falta de oportunidade para a evolução diferenciada (Darwin, 1871/1981). Em contextos de baixa densidade populacional ou baixa mobilidade, os encontros com indivíduos do sexo oposto seriam mais escassos, e por isso a experiência hermafrodita seria a resposta mais adaptada dos organismos. Esta hipótese não se aplicava a todas as variações de experiências hermafroditas, mas a associação entre dimorfismo sexual e processo evolutivo estava lançada (Ghiselin, 1969).

Situada a corrente de pensamento da época, torna-se mais fácil a compreensão do íntimo vínculo estabelecido entre sexo e sexualidade. O progresso civilizatório, a partir destas lentes, dependeu da confecção de corpos binários e da relação sexualizada entre os opostos. Essa diferenciação, no entanto, não se traduzia em uma fronteira absoluta. Darwin (1971) aponta para espécies de peixes em que características meramente ornamentais, variadas originalmente entre os machos e acumuladas ao longo das gerações com o intuito de atrair as fêmeas, foram posteriormente transferidas, total ou parcialmente, para elas. Sendo assim, em

todo indivíduo de um sexo, seria possível encontrar características do sexo oposto, ainda que latentes. Na espécie humana, os mamilos seriam exemplos de elementos compartilhados por ambos os sexos, frutos de tempos em que a amamentação da prole não era exclusividade dos corpos das fêmeas, mas uma tarefa compartilhada. Com cada vez menos descendentes, haveria um momento em que a participação dos machos se tornou desnecessária e o desuso resultou em inatividade desses órgãos na maturidade. Em idades mais tenras, eles ainda seriam igualmente bem desenvolvidos em ambos os sexos.

Esses foram os termos que definiram o tom dos debates e teorizações em sexologia. Se a heterossexualidade condicionada à procriação era um pilar da civilização, as vivências de sexualidades não reprodutivas e não heterossexuais não encontravam respaldo nas propostas progressistas. Com o uso da palavra progressista neste contexto, me refiro ao entendimento de progresso naturalista e seletivo. Não coincidentemente, os médicos interessados em hermafroditismo foram os primeiros a anunciar hipóteses científicas para a inversão sexual. Em 1911, o psiquiatra Valentin Magnan e o ginecologista Samuel Pozzi, ambos franceses, apresentaram à Academia de Medicina de Paris um estudo sobre a inversão do sentido genital, ou *the inversion of the genital sense*, em hermafroditas (Dreger, 1998). Um dos casos narrados retratava a história de uma pessoa socialmente lida como homem, casado com uma mulher, que havia buscado auxílio médico para tratar de um tumor. Este tumor se revelou de natureza ovariana e os olhares médicos declararam este corpo como o de uma mulher, apesar de o paciente e sua companheira afirmarem a convicção de que ele era homem. Evidentemente, a identidade pessoal e social não detinha qualquer importância para a determinação médica de seu verdadeiro sexo.

Tão surpreendente quanto a dissonância entre anatomia interna e externa era a presença de uma sexualidade masculina em um corpo anatomicamente feminino. Muitos

médicos buscavam alterações anatômicas nos corpos de pessoas homossexuais, na tentativa de encontrar algo que justificasse, organicamente, o que consideravam um desvio. A inversão sexual passava a ser vinculada ao desenvolvimento anormal dos estágios de diferenciação sexual, e por isso alguma modificação deveria ser encontrada em meio à morfologia. A aspereza da pele ou mesmo a densidade dos fios de cabelo eram objetos de análise. Entre as variáveis menos visíveis, estavam aspectos cromossômicos, gonadais e hormonais. No entanto, essas buscas não se mostraram promissoras e a distinção entre características sexuais físicas e características sexuais psíquicas se tornou mais acentuada. Ou poderíamos dizer, definitiva. O sexólogo von Krafft-Ebing descreve a inversão sexual, em seu trabalho denominada sexualidade antipática, como uma anomalia puramente psíquica, sem qualquer correspondência às características sexuais físicas e presente apesar de glândulas sexuais normalmente desenvolvidas (von Krafft-Ebing, 1965/2011). Havelock Ellis, por sua vez, elege inversão sexual e homossexualidade como os termos mais usados em sua escrita, havendo uma distinção entre eles. Inversão sexual se refere à atração pelo mesmo sexo fundamentada em anormalidade inata, orgânica, enquanto homossexualidade se trata de um termo mais amplo, incluindo a atração temporária decorrente da ausência dos objetos naturais de desejo.

O sexólogo britânico segue o entendimento dos fisiologistas de sua época e reitera a possibilidade de a tendência homossexual ser uma manifestação psíquica de características do sexo recessivo, sujeitas a desenvolvimento em circunstâncias como a puberdade (Ellis & Symonds, 1897/2008). Ele reconhece que visões tão diversas sobre a natureza da inversão sexual derivam da posição e atitude do investigador. Para um policial, a inversão será um caso de vício criminoso, enquanto para o superintendente de um manicômio será uma expressão de insanidade. Ellis reconhece a importância daqueles que se dedicaram à tarefa de escrever sobre sexualidade a partir de lugares mais libertos da tradição e dos antigos

preconceitos. Ele e outros autores mais imparciais sabiam que a homossexualidade era retratada de maneira seletiva, de modo que o sofrimento e desajuste associados à vivência da inversão sexual ganhassem maior destaque e facilitassem o seu enquadre patológico.

Ao mencionar as duas grandes correntes de entendimento de sua época, que diferiam na clássica disputa entre adquirido ou congênito, meio ou natureza, Ellis reconhece pontos de coerência em ambas as visões. Explicar a inversão sexual através das experiências vivenciadas em tenras idades, ou pelo papel da sugestão, seria tentador por nutrir esperança nos métodos terapêuticos. Ainda assim, a lógica que se aplica à origem da sexualidade invertida deveria se sustentar quando aplicada à sexualidade compreendida como normal. Para Ellis, não havia sentido em atribuir à heterossexualidade uma origem tão frágil como a associação ou a sugestão, pois se fosse este o caso, a tendência de associação grupal de homens com homens e de mulheres com mulheres seria o suficiente para transformar a inversão sexual em sexualidade dominante. A sugestão seria desnecessária para o desenvolvimento de um impulso anormal, assim como ineficiente nos esforços de redirecioná-lo para os canais normais. No mais extremo dos casos, a sugestão apenas revela ao indivíduo a sua própria natureza.

Ellis considera o esquema biológico o mais adequado para explicar as observações clínicas e, com cautela em suas palavras, acusa representantes mais dogmáticos da Psicanálise freudiana de terem contribuído para o reavivamento de uma abordagem inadequada diante do fenômeno, atribuindo aos eventos durante a infância um papel determinante para as relações. A concepção final de Ellis é atribuir à inversão sexual uma natureza orgânica, inata, derivada de um impulso que alcança seu completo desenvolvimento na puberdade, mas que é desde o princípio anormal. Embora não fosse possível afirmar com precisão o que era o sexo, o autor acreditava em seu caráter mutável, havendo muitos estágios

fronteiriços entre um homem completo e uma mulher completa. Na pessoa homossexual e bissexual, o processo de supressão dos germes do sexo oposto não teria transcorrido normalmente, de forma que o indivíduo se sente organicamente mais ajustado ao impulso sexual invertido que ao impulso sexual normal. No caso da bissexualidade, o indivíduo se sente apto ao exercício de ambos os impulsos. Ellis sugere um papel determinante no tempo de ação dos hormônios masculinos no corpo que se pretende homem. A intersexualidade, esfera em que ele insere a inversão sexual, seria resultado da ação tardia dos hormônios masculinos, sendo o nível de anormalidade definido pelo tempo em que eles passam a operar. Quanto maior a demora, mais características femininas se fariam presentes (Ellis, 1933/1948). A homossexualidade seria uma variação da intersexualidade com alterações predominantemente psíquicas, enquanto anormalidades físicas seriam mínimas ou desimportantes.

O vínculo entre hermafroditismo e inversão sexual perpassa a crença, amplamente disseminada entre os estudiosos de sexualidade deste período, de uma bissexualidade latente. Mais uma vez, nota-se o amalgamento entre sexo e sexualidade quando uma herança hermafrodita *per se* justificaria a presença de impulso sexual bissexual. Elaboraões como as do Darwinista francês Julien Chevalier e do psiquiatra americano James George Kiernan foram essenciais para a consolidação desta base bissexual para uma teoria da homossexualidade (Angelides, 2001). Apesar de não fornecer uma explicação adequada para o fenômeno, Ellis afirma que esta visão permite uma compreensão parcial da inversão sexual e de anomalias pertencentes ao mesmo grupo, como a inversão sexo-estética (a vivência que atualmente nomeamos transexualidade). Sua aposta era que as investigações científicas eventualmente encontrariam uma associação entre uma distribuição anormal de secreções internas e a inversão sexual. Diante desta lógica, a relação de causa anteriormente sugerida entre masturbação e inversão sexual se torna inaceitável (Jordanova, 1987). Esta é a posição

de Ellis e de outros sexólogos relevantes de sua época, como Moll e Hirschfeld. Ainda assim, Ellis atribuía à masturbação, especialmente em tenras idades, a possibilidade de desconexão entre os aspectos físicos do prazer e os aspectos psíquicos do amor. A criança ingenuamente cultivaria prazer sexual sem a adequada associação ao amor, o que facilitaria a usurpação do lugar de afeto destinado a uma pessoa do sexo oposto por uma pessoa do mesmo sexo. Ou seja, Ellis nega uma relação de causalidade direta, mas ecoa o entendimento de que a prática da masturbação pode fragilizar os destinos que seriam os naturais para o impulso sexual.

Ellis concebe a inversão sexual como o mais definido dos desvios sexuais, por se constituir da completa transferência do impulso do objeto normal para um objeto que estaria fora da esfera de desejo sexual, mas que possui todos os atributos necessários à vinculação. Deste modo, a homossexualidade seria também o mais satisfatório dos desvios. A opinião moderna sobre a homossexualidade, aponta o autor, caminhava em direção à compreensão da inversão como uma anomalia, e não como uma doença ou fruto de degenerescência, pois frequentemente não havia indicativo de condições mórbidas no indivíduo invertido. Mais precisamente, a homossexualidade seria uma anomalia baseada em condições congênitas. Ellis (1897/2008) evoca uma comparação feita originalmente por Symonds entre inversão sexual e daltonismo para ilustrar este ponto. Uma pessoa daltônica é congenitamente insensível aos raios vermelhos e azuis, justamente aqueles que potencializam a percepção de outras cores. De maneira semelhante, pessoas invertidas seriam insensíveis aos elementos emocionais que capturam as pessoas normais, transferindo estes valores para outro objeto. A inversão sexual congênita seria algo como uma variação biológica, ainda que derivada de diferenciação sexual imperfeita.

Ellis tinha consciência de que viviam uma virada de chave, da qual ele era protagonista importante. Quase 70 anos depois da declaração de Ulrichs de que *Urnings*

eram uma espécie sexual semelhante aos hermafroditas e independentes do sexo masculino ou feminino (Brooks, 2010), a inversão sexual passava a ser unanimemente categorizada enquanto uma variação congênita. Se solidificava também a preferência pela classificação mais simples de heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade enquanto as principais variações sexuais, embora Ellis aponte que para além destas divisões elementares os indivíduos podem expressar incontáveis variações. Estavam assentadas, portanto, as bases para os mais conhecidos desdobramentos sexológicos do século XX, como os estudos desenvolvidos pelo mundialmente conhecido *Kinsey Institute*, na Universidade de Indiana, e as pesquisas realizadas pelo *Masters and Johnson Institute*. O conceito de continuum de sexualidade implícito no trabalho de Ellis seria desenvolvido por Kinsey em sua produção sobre homossexualidade, por exemplo, mas o pressuposto do modelo biológico de que o sexo serve primariamente à função reprodutiva seguiria imperativo, e o sexo penetrativo heterossexual continuaria sendo retratado como expressão natural deste objetivo (Jackson, 1984).

### **Homens e mulheres normais, homens e mulheres invertidos**

Na virada de século, as fronteiras entre os gêneros eram movimentadas pelo crescente número de mulheres entre a classe trabalhadora, pelos espaços públicos menos segregados e pela consolidação de movimentos políticos de mulheres. Entre as integrantes da classe média inglesa do século XIX, o principal objetivo era equidade no acesso às ocupações profissionais mais complexas, como a medicina. Ainda assim, a maior inserção das mulheres havia sido em posições de assistência nos campos da saúde, da educação, bem como nos serviços de correios (McGregor, 1955). No caso de famílias estabelecidas, emergia uma nova cultura de proteção da família nuclear e de sua privacidade. Havendo condições financeiras, os homens adquiriram casas em áreas rurais e suburbanas, de modo que as mulheres estariam isoladas e

seguras de interferências. Pureza e dedicação integral à vida doméstica eram as características socialmente valorizadas para a construção de uma mulher Vitoriana, enquanto independência e movimentação pelos espaços públicos eram os elementos definidores dos homens (Shiman, 1992). Muitas mulheres abraçaram essas restrições como sinais relacionais de cuidado, e especialmente como evidências de destacada posição social. Afinal, o desemprego de uma mulher era visto como indicativo do poderio financeiro de seu marido, assim como o tamanho da casa e o número de pessoas que nela trabalhavam.

No entanto, mais de um terço das mulheres não desfrutava desses supostos privilégios e dependiam de inserção no mercado de trabalho. O número de mulheres era superior ao número de homens, o que evidentemente impossibilitaria a lógica do matrimônio para muitas delas. Além de enfrentarem a desigualdade da estrutura econômica, elas eram vistas como ofensoras dos valores que o Evangelicalismo tentava propagar. Na esfera política, as mulheres se deparavam também com os retrocessos expressos pela Lei da Reforma de 1832, que destinava o poder de voto apenas a homens qualificados. Décadas depois, esta qualificação ficou menos dependente da posse de propriedades e homens menos abastados passaram a ser elegíveis, evidenciando ainda mais a discriminação de gênero. A segunda metade do século seria de intensas transformações na vida das mulheres, com a emergência de importantes lideranças e a vitória do primeiro pleito político encaminhado pelo movimento de mulheres, com a derrota dos *Contagious Diseases Acts* e de suas violentas propostas de controle.

É diante deste contexto que Ellis escreve *Man and Woman*, em 1894. Ele reconhece que as condições da modernidade tornavam inevitável a competição entre homens e mulheres nos espaços de trabalho, mas que fatos fundamentais sobre a divisão dos sexos precisavam estar em vista. Afinal, o autor introduz o livro afirmando sua crença de que não há psicólogo

competente sem o domínio da fisiologia. Se aprofundar no funcionamento da tireoide seria mais relevante para a compreensão das emoções do que se dedicar à introspecção, e prestar alguma obediência à natureza seria o caminho para aprender a comandá-la. A partir desta união com o pensamento evolutivo que o acompanhou até a publicação de *Sexual Inversion*, Ellis se debruça sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres, e sobre as evidências sociais que teria para suportá-las. A longa seção dedicada à menstruação indica a eventual conclusão de Ellis quanto à subserviência do corpo feminino aos processos fisiológicos da reprodução, elementos que evidenciariam ser esta a sua maior função. Isso não inviabilizaria contribuições satisfatórias por parte das mulheres a outras esferas sociais, como a econômica. No entanto, Ellis sugere que haveria a necessidade de adaptações que poderiam ser guiadas pelo entendimento científico.

A constituição endocrinológica das mulheres e as constantes mudanças provocadas pelo ciclo reprodutivo levaria à maior emocionalidade, sendo esta a base para muitas das diferenças psíquicas entre os sexos. Ellis chega a sugerir que metade da natureza psíquica das mulheres seria inexplicada se não fossem suas correlações com a emocionalidade. Mulheres teriam batimentos cardíacos muito mais suscetíveis à aceleração diante dos acontecimentos externos, por exemplo, o que tornaria os homens mais estáveis. Apesar de mais desenvolvidos, os reflexos das mulheres estariam sob menor controle pelos centros superiores. Prova disso seria a inabilidade de conter expressões faciais instintivas. Uma mãe enlutada, diz Ellis, não consegue conter o sorriso automático diante de uma pessoa conhecida, enquanto os homens navegam as situações com expressões faciais rígidas. Elas também seriam muito mais afetadas pelo medo e propensas à irritabilidade. O autor sugere que o motivo pelo qual mulheres seriam tão atraídas pela dança tange a busca por um caminho alternativo para a irritabilidade neuromuscular que poderia, de outra maneira, se expressar de formas explosivas. Outra consequência desta propensão à irritabilidade seria a facilidade que

mulheres teriam para se distrair e, como uma derivação, a dificuldade que expressariam ao trabalhar sob pressão. Os homens estariam mais aptos para exercícios prolongados e disciplinados.

As mulheres seriam feitas de extremos, com elementos para nutrir os mais benignos dos cuidados, com grande devoção e autossacrifício; mas também seriam capazes de crueldades mais bárbaras que os homens. Eles seriam racionalmente meditativos, e elas íntimas das emoções. Ainda que se distanciem momentaneamente, as mulheres retornariam à intensidade dos sentimentos como quem busca seu habitat natural. Apesar da força da natureza, Ellis reconhece a emocionalidade enquanto fortemente moldável pelo contexto. Os homens e mulheres de sua época não seriam tão emocionais quanto seus antepassados, e indivíduos de classes sociais distintas também manejariam essas manifestações de formas diferentes. De toda maneira, não seria possível igualar os parâmetros entre homens e mulheres, e para Ellis isso nem mesmo seria desejável. Isso resultaria não apenas na redução da capacidade de homens e mulheres se ajudarem, mas mais importante, limitaria a habilidade de se atraírem. Ainda que as bases orgânicas para a emocionalidade das mulheres fossem menos sólidas, a dinâmica da complementariedade heterossexual seria sempre um obstáculo para esta equiparação.

Enquanto as mulheres sentem, homens fazem. E quando homens fazem, fazem melhor. Esta é a conclusão do autor ao se debruçar sobre as diferenças no que tange ao impulso artístico. Eles seriam dotados de criatividade, autonomia e protagonismo, enquanto elas expressariam mera inteligência geral, sem especial aptidão. Na pintura, na música ou na literatura, não seria possível encontrar entre as mulheres nomes a serem lembrados. Ainda durante a infância, as meninas evidenciariam uma tendência quase neurótica pela amplitude de material emotivo e, para usar as palavras de Ellis adiante, tenderiam à construção de

ridículos climaxes. Os garotos, por outro lado, revelariam excelência na construção de roteiros coesos. A única expressão artística em que as mulheres competiriam com os homens, ou chegariam a superá-los, seria a atuação. Neste ramo, a explosão emocional se uniria à adaptabilidade e, somados, levariam as mulheres ao destaque biologicamente justificado.

Mesmo quando menciona o destaque que mulheres teriam na memorização de informações, Ellis sugere um aparente antagonismo entre memória e racionalização. Elas seriam mais dependentes da memória para evitar a fadiga de recorrer ao uso da razão. De maneira geral, as elaborações do autor partem do pressuposto de que homens encaram as dificuldades, enquanto as mulheres tentam se esquivar dos desafios. O instinto de luta e a autonomia seriam determinantes para o trabalho intelectual, elementos dos quais as mulheres seriam desprovidas. Outra característica feminina seria o hábito de mentir ou dissimular, mas estas tendências Ellis reconhece como respostas ao autoritarismo dos homens, que seria um impedimento à manifestação aberta e direta de seus desejos. Além disso, capacidade de simulação não seria equivalente à incapacidade de verdade. Sobre a dissimulação, Ellis recupera a produção de Lombroso e Ferrero (1893/2017), que associam esta prática a sete elementos considerados característicos das mulheres: a fraqueza inerente ao seu organismo; o constrangimento com a menstruação; a modéstia no trato de temas que consideram inadequados; o desejo de impressionar o homem no processo de seleção sexual; o desejo de simular fragilidade para ser protegida; a sugestibilidade inconsciente; e as ocultações que integram o processo de maternidade, ao omitir da criança o que não é certo ou adequado à idade.

Ao falar sobre capacidades para a indústria e os negócios, Ellis admite que muitos dos experimentos que miram as diferenças entre os sexos foram motivados pela abertura das ocupações às mulheres, embora elas raramente trabalhariam sob as mesmas condições que os

homens e sim em configurações facilitadas. Nas fábricas, elas seriam hábeis em se atentar aos detalhes durante os processos mecânicos, mas falhariam em compreender os processos e produtos de maneira mais ampla. Isso as aproximariam do trabalho setorizado e rotineiro, enquanto a racionalidade dos homens os levariam às etapas de confecção integral. Elas também evidenciaram destreza nas ocupações associadas à comunicação, expressando maior paciência e oralidade, mas não esboçariam o mesmo desejo dos homens na apreensão de conhecimentos técnicos. A mão de obra das mulheres, apesar de mais barata, estaria atravessada por desvantagens associadas às ausências por adoecimento, à incapacidade de trabalho sob pressão, à inabilidade de proteção dos espaços em caso de roubo e à necessidade de investir em espaços exclusivos para as mulheres, como lavatórios. Ellis chega a afirmar que para substituir três homens em um escritório, é necessário contratar cinco mulheres, tendo em vista que elas não podem ser deixadas sozinhas em qualquer momento.

Homens abrem caminhos até então desconhecidos, mulheres trilham os caminhos para elas facilitados. Homens são fortes, resilientes, estáveis, racionais, proativos e construtivos. Mulheres são frágeis, suscetíveis, instáveis, emocionais, suspeitas e passivas. O entendimento de Ellis ecoa perspectivas tão antigas quanto as de Rousseau, que um século antes afirmava a inferioridade das mulheres e a pequenez de seu papel social e intelectual na construção de uma sociedade civilizada. Na perspectiva do filósofo suíço, mulheres deveriam se ater às tarefas a elas atribuídas pela natureza e se distanciarem das ocupações e atributos naturais aos homens, aos quais deviam amar e servir (Eschbach, 1993). Ellis não se utiliza de palavras tão rudes, mas *Man and Woman* definitivamente atribui às mulheres um papel secundário, embora abra pequenos espaços para ambiguidades.

Navegamos nas diferenças entre homens e mulheres pelas lentes de Ellis para analisar como este binário atravessa, ou não, as formas de inversão sexual apresentadas pelo autor.

Afinal, se ser um invertido sexual significa aberrantemente expressar características do sexo oposto, é necessário compreender o retrato da disposição supostamente normal dos sexos. Em *Sexual Inversion* são apresentados 34 novos casos, cujos métodos de compilação não são sempre explicitados, mas menções na obra somadas a outros registros biográficos nos permitem assumir que este material foi consolidado, em sua maioria, a partir de correspondências. Entre estes 34 casos, 29 descrevem inversão sexual em homens e apenas 5 se referem a mulheres. Através do conceito de atração pseudosexual, Ellis sugere que o invertido sexual tende a se atrair por uma pessoa diferente de si, de modo que sua relação detenha um semblante de oposição sexual (Ellis & Symonds, 1897/2008). A natureza seguiria expressando a sua lei em espírito, apesar do formato distorcido. Os homens invertidos atraídos por garotos estariam mais próximos à normalidade orgânica, pela semelhança entre garotos e mulheres, enquanto aqueles atraídos por homens mais velhos, ou mesmo indiferentes à idade, estariam sinalizando uma perversão mais profunda. Haveria nos homens invertidos uma tendência à feminilidade, ainda que expressa de maneiras mais sutis. Eles seriam detentores de sensibilidade, simpatia e delicadeza estranhas aos homens heterossexuais. Voz e caligrafia femininas também estariam presentes em alguns casos, e outros tantos não saberiam assoviar. A apreciação pelo cigarro e pelos esportes também não seria a mesma que as de homens não invertidos. Haveria notável habilidade musical entre eles, uma prática que Ellis associa à instabilidade emocional, além de tendência a atitudes dramáticas mesmo entre aqueles que nunca experimentaram o teatro. Em alguns casos, Ellis afirma identificar entre artistas invertidos certo amor pelo aplauso, visibilidade e admiração, o que poderia ser uma forma de compensar a consciência de seu defeito inerente. A exaltação expressa em *Man and Woman* do que os corpos e mentes dos homens são capazes de concretizar se repete em *Sexual Inversion*, em que Ellis ressalta a produção artística e intelectual de figuras como Michelangelo, Christopher Marlowe e Walt Whitman.

No sentido contrário, as mulheres invertidas seriam detentoras de certa masculinidade e buscariam em suas parceiras a feminilidade que não possuem. Elas teriam uma apreciação entusiástica pela beleza feminina, incomum em mulheres heterossexuais. Muitas teriam caligrafia masculina e seriam habilidosas em assoviar. Seus corpos poderiam apresentar certa tonicidade muscular e distribuição masculinas dos pelos corporais. Socialmente, seria possível notar seus movimentos enérgicos, falas diretivas e sentido de honra característicos dos homens. Elas seriam menos promíscuas que os homens invertidos e mais propensas à fidelidade, evidenciando também relações mais longevas. Em alguns casos, mulheres invertidas poderiam viver grande parte de suas vidas em roupas masculinas e sendo endereçadas como homens. Em relação aos indivíduos do sexo oposto, a maioria delas expressaria absoluta indiferença, e não raro repulsa. Ellis sugere que o movimento de emancipação das mulheres poderia, através do incentivo à independência e ao desdém pela tradição doméstica, levar mulheres a almejarem completa autonomia dos homens, mesmo no âmbito amoroso. Ele nega uma relação causal entre modernidade e homossexualidade, porém afirma que muitas mulheres heterossexuais poderiam ser influenciadas pelas mulheres invertidas, que com frequência evidenciariam maior inteligência.

Em ambos os sexos, haveria uma tendência entre invertidos a uma aparência mais jovial, por vezes infantil. Essa é uma associação que Ellis tenta reforçar, pois para ele a inversão sexual poderia modificar mente e corpo não apenas para as direções do feminino entre homens e masculino entre mulheres, mas também em direção à infantilidade enquanto uma expressão de desenvolvimento interrompido. Em sua escrita, é notável a dificuldade para afirmar muitas das associações sugeridas. Ele navega numa ciência feita em grande parte por especulações, ou por tendências para as quais não existem justificativas. Este é o caso da aparente preferência pela cor verde que invertidos de ambos os sexos teriam, conforme expresso por seus correspondentes, mas para a qual não há explicação razoável.

O fato de Ellis se pautar pelos relatos de seus correspondentes é algo a se destacar. *Sexual Inversion* apresenta casos diretos e curtos, com menções ao contexto familiar, traços hereditários, características estéticas, histórico de saúde, sentimentos e desejos de cada indivíduo. A partir destas compilações, o autor tenta derivar conclusões generalizadas. Ellis dedica alguns parágrafos à contestação da antiga crença de que pessoas homossexuais teriam condutas duvidosas, reiterando que entre invertidos sexuais existiriam pessoas de caráter tão variado quanto entre pessoas normais. Nos casos em que há insinceridade, Ellis ressalta as condições sociais nas quais as pessoas homossexuais estão imersas e afirma que pessoas heterossexuais agiriam de forma similar se subjugadas às mesmas condições de suspeita e penalização. Esta é também uma resposta às críticas lançadas por uma Psicanálise desconfiada de relatos fantasiosos. Afinal, Freud não atribuía grande protagonismo aos elementos congênitos e acreditava que quando examinado profundamente, todo caso de inversão seria atravessado por uma experiência definidora na infância, experiência esta que não seria facilmente acessada. Ellis, ecoando Hirschfeld, pontua a responsabilidade dos profissionais em consolidarem um laço de confiança com seus pacientes e afirma que a sua experiência evidencia não apenas sinceridade, mas raros poderes de autoanálise por parte de pessoas homossexuais, estimulados pelo constante contraste que possuem entre seus sentimentos e os do mundo ao seu redor.

A produção de Ellis afirma a existência da homossexualidade, em suas formas congênitas e adquiridas, e compõe registros importantes para uma época em que o desdém era a conduta habitual diante do assunto. Suas lentes interpretativas aliviam as distinções entre o normal e o patológico, atribuindo à inversão sexual a categoria menos estigmatizante de anormalidade. Sua obra teve um papel importante no aprofundamento da discussão, na proliferação de discursos e na formalização da defesa de uma conduta ética e sensível na prática clínica. Afinal, Ellis percebia o seu trabalho como uma contribuição progressista a um

mundo ainda regido por crenças antiquadas. Porém, sua obra pode ser vista como uma ponte para a tolerância, mais do que para a revolução. Para contar com os recursos do bom e popular Português, podemos dizer que Ellis dá com uma mão enquanto tira com a outra. O sexólogo mantém intacta a presunção da heterossexualidade enquanto constituição normal quando, na tentativa de compreender o desejo, opera sobre o sistema binário de gênero. O poder explicativo da sexologia, investida em se constituir como ramo científico, afirmava a existência de pessoas homossexuais a partir de uma lógica inteligível, ao mesmo tempo em que restringia a dinâmica interna e externa dos sujeitos aos termos da heterossexualidade.

Se a inversão sexual expressa as mesmas leis confeccionadas pela natureza em formas inusitadas, ainda haverá na experiência dos homens invertidos supremacia semelhante àquela experimentada pelos homens normais. A escrita de Ellis posiciona os homens homossexuais sob luzes mais favoráveis, ressaltando suas contribuições para as artes e atenuando a associação entre inversão sexual e sexo anal, prática profundamente estigmatizada em sua época (Felski, 1998). Nos homens, a união entre os temperamentos masculino e feminino os tornariam pessoas especialmente intuitivas e complexas. Serem inadequadamente representadas em uma área de profusão literária foi parte do que possibilitou, somada às transformações movidas pelos movimentos de mulheres, a emergência de escritas contestadoras das ciências sexológicas por parte de mulheres lésbicas. Afinal, aplicada a lógica do essencialismo biológico às escolhas sexuais, elas passam a ser sinais de uma natureza constitutiva e não meros atos isolados da personalidade.

No entanto, a consolidação de uma identidade homossexual masculina veio gerações antes do esboço de uma identidade lésbica, radicalmente repudiada. Em 1921, os legisladores ingleses se recusaram a inserir mulheres na proibição exposta pela Emenda Labouchère, sob o argumento de que a adoção de uma cláusula sobre este fenômeno poderia influenciar

mentes inocentes (Showalter, 1991). A possibilidade de sexualidades não subservientes ao instinto materno e não responsivas aos desejos dos homens era perturbadora, assim como a possibilidade de mulheres com traços de personalidade ativos e audaciosos. De maneira semelhante às ofensas contemporâneas que tentam atingir mulheres lidas como masculinas, como a expressão “maria-macho”, a Inglaterra Vitoriana se utilizava da representação negativa de mulheres lésbicas e feministas para desincentivar os movimentos sociais. Mulheres que se aproximassem da vida pública e negligenciassem seus deveres reprodutivos e domésticos perderiam sua identidade feminina, com risco de esterilidade e insanidade (Carstens, 2011). Em *Enduring Passion*, a autora britânica Marie Stopes afirma que a experiência lésbica (ou como ela nomeia, lesbianismo) é antinatural, e que as necessidades de uma mulher residem na união entre os diferentes sexos, a única capaz de oferecer as substâncias moleculares que faltam em seu organismo. Stopes trata a lesbiandade como um fenômeno movido a curiosidade e de caráter socialmente contagioso, alertando as mulheres a se prevenirem desta corrupção se desejarem manter a paz de seus lares e maridos (Jackson, 1994). Evidentemente, a visibilidade de homens homossexuais não representava o mesmo risco que o reconhecimento de mulheres lésbicas enquanto existências possíveis e legítimas.

Ellis sabe que apresenta uma teoria em que sexo e poder caminham juntos, pois reconhece a chance de suas proposições serem vistas enquanto apoios à sujeição das mulheres. Sua resposta é reiterar que os organismos devem operar com base em suas próprias leis de desenvolvimento e que mulheres, não sendo apenas homens menores e sim seres com disposições distintas, deviam caminhar nos circuitos da feminilidade que lhes são inerentes (Jackson, 1994). Uma sã legislação social da vida seria possível apenas com o reconhecimento dos instintos sobre os quais a vida é construída. Para as feministas, esta era uma mensagem clara de que o discurso sexológico não estaria em defesa de mulheres definirem suas próprias necessidades, desejos e destinos. O mesmo modelo era compartilhado

pelo alemão Iwan Bloch e o suíço Auguste Forel, de modo que o patriarcado científico soava em uníssono. Mais uma vez, os palcos científicos, sociais e políticos estavam absolutamente entrelaçados. Se uma semente prospera apenas no encontro com solo fértil, como sugere Ellis, os feminismos (lésbicos) eram agora ecossistemas potentes demais para conter.

### **Degenerescência e colapso**

A teoria naturalista de Darwin narrava um trajeto entre a lacuna e o aprimoramento, a ignorância e a ciência, o primitivo e a civilização. Se o desenvolvimento civilizatório era resultado da seleção biológica, os comportamentos incompatíveis com a noção de progresso seriam atribuídos aos traços primitivos, ou ao que ficou conhecido como degenerescência. As respostas para os desvios de comportamento estariam na herança biogenética, corrompidas pela miscigenação entre um indivíduo de raça superior e outro de raça inferior. Para o campo médico e psiquiátrico, alcoolismo, perversão sexual, prostituição, insanidade e criminalidade se tornaram não apenas sintomas de um sujeito, mas sintomas de uma sociedade em colapso (Pick, 1989).

Embora não seja autor do termo, o psiquiatra francês Bénédict Morel foi o primeiro a articular uma teoria da hereditariedade pautada pela degenerescência com a publicação de *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine*, em 1857. Em até três gerações, uma linha hereditária contaminada levaria a manifestações como histeria, epilepsia, imbecilidade e esterilidade (Hurley, 1990). Este aspecto progressivo diferencia a teoria de Morel das propostas de outros naturalistas que o antecederam, pois indica uma hereditariedade cumulativa que transformaria a instabilidade de uma geração em graves transtornos mentais apenas duas gerações à frente. Sendo assim, o longo processo evolutivo que viabilizou o desenvolvimento da civilização estaria sob preocupante ameaça, condenada à extinção em apenas quatro gerações. O indivíduo sexuado se torna chave para a

perpetuação ou condenação não apenas de sua linhagem, mas da sociedade em sua totalidade. Os sintomas atribuídos à degenerescência não eram vistos como expressões das condições sociais, mas como resultados de uma perigosa herança capaz de autorreprodução.

Na Inglaterra, era grande a preocupação com a delinquência, apesar do país não ter evidenciado tanto entusiasmo com a ciência do crime quanto França e Alemanha. Após traduzir *Criminal Man* de Cesare Lombroso para o inglês, Ellis lamenta o desengajamento da sociedade inglesa com o tema (Pick, 1989). Havia uma percepção generalizada de que os crimes habituais estavam em ascensão, mas os discursos alarmistas que faziam sucesso em outras regiões não pareciam alcançar a sociedade britânica. No entanto, isso não impediu que versões mais polidas deste discurso de deterioração exercessem seus efeitos e atribuíssem a elementos constitucionais a essência da tendência criminosa. A elite política investia pesadamente na produção de dados estatísticos que pudessem quantificar e abordar diferentes questões sociais, como diminuição da pobreza, trabalho infantil e as condições nas fábricas. Charles Goring, influente criminologista britânico, rejeitava as conclusões da antropologia criminal de Lombroso e defendia o uso de métodos biométricos para a confecção de dados verdadeiramente crus, sem interferências derivadas dos participantes ou de sistemas teóricos (Beirne, 1988). Suas conclusões, apesar de se pautarem majoritariamente pela noção psicológica de caráter, ou *character*, ainda permitiu espaço para propostas como regulação reprodutiva.

Em *Sexual Inversion*, Ellis menciona as repercussões da teoria de Morel na França e a frequente associação entre homossexualidade e degenerescência, sendo ela retratada como uma síndrome derivada de adoecimento hereditário. Apesar do invertido sexual ser um degenerado no sentido do indivíduo que destoa dos traços comuns, o autor alega que o excessivo uso literário e jornalístico do termo havia minado a sua utilidade para a esfera

científica. Na obra coescrita com Symonds, o autor faz poucas menções ao termo, em grande parte utilizado para parafrasear as perspectivas de Krafft-Ebing. Ellis defendia a posição de que a homossexualidade não poderia ser considerada uma condição degenerada, pois nenhum de seus correspondentes e dos casos analisados retratava uma pessoa criminoso ou insano. Ou seja, ele não acreditava ser a inversão sexual um sintoma de um processo mais amplo de degenerescência do indivíduo. Ele destaca que antes da publicação de *Sexual Inversion*, todos os casos dos estudos conduzidos no Reino Unido sobre inversão sexual estavam conectados aos asilos ou prisões. Em certa medida, a posição de Ellis apresenta complexidade à categorização das perversões sexuais, que pelas lentes da degenerescência poderiam estar amalgamadas e associadas a uma origem compartilhada.

Não podemos igualar a cautela expressa por Ellis no uso do termo ao repúdio pelas lógicas eugenistas. Afinal, ele expressa preocupação com os casos em que invertidos sexuais são incentivados a se casarem e terem filhos, especialmente como parte de um processo de cura. As crianças provavelmente se sairiam bem, mas correriam o risco da tomada de consciência de pertencerem a um estoque defeituoso. O autor complementa sugerindo que a tendência à inversão sexual em famílias excêntricas e neuróticas seria uma forma misericordiosa da natureza, com n maiúsculo, solucionar uma preocupação. O fato de, naquela época, relações entre pessoas de mesmo sexo serem não-procriativas certamente as livrou, dentre as propostas de Ellis, de defesas intervencionistas.

Em outro momento, o sexólogo afirma que há nas classes mais baixas da Europa considerável tolerância às práticas homossexuais. O homem sem cultura estaria mais próximo ao homem selvagem, e seria inclusive suscetível a se prostituir sem muitas objeções, enquanto o homem normal não seria tentado pelos oportunismos. Esta indiferença primitiva seria parte do que tornaria a homossexualidade e a bissexualidade prevalente entre criminosos

e pedintes. Entre prostitutas, classe que o autor sugere ser análoga à de criminosos, o lesbianismo seria uma tendência comum não apenas pela relação esvaziada e desigual com os homens, o que impossibilitaria o desenvolvimento afetivo e o pleno exercício da devoção feminina, mas também pelos sinais de degenerescência física e mental. Em nota de rodapé, Ellis faz referência à produção de uma fisiologista americana que havia chegado, de maneira independente, a conclusões semelhantes às suas: a inversão sexual é uma condição causada por influências pré-natais, com destaque à insuficiência nutricional; é um fenômeno psíquico passível de controle, mas não de erradicação; e, de modo inequívoco, resulta da degenerescência racial. Sem estratégias de tratamento eficazes, a médica incentiva o cultivo de senso moral e consciência, entre as pessoas homossexuais, de que será necessário sacrificar a sua felicidade pessoal em respeito aos direitos dos indivíduos normais (Ellis & Symonds, 1897/2008).

Ao se referir às ameaças introduzidas pelo movimento de emancipação das mulheres, Ellis afirma que o desejo de acessar os mesmos direitos, deveres e liberdades dos homens tem, como efeito colateral, um aumento na criminalidade e insanidade entre elas. Previsivelmente, um aumento no fenômeno da homossexualidade também estaria em curso. Nota-se que, apesar de o sexólogo defender a congenialidade da homossexualidade, ele não abdica daqueles que seriam os fatores sociais da inversão sexual. De maneira semelhante, embora não faça recorrente uso do conceito de degenerescência, Ellis descreve a homossexualidade como proveniente de uma natureza que estaria associada a outros vícios. Ao refletir sobre o posicionamento da sociedade frente à inversão sexual, moral e legalmente, Symonds se solidariza com a experiência de indivíduos enviados ao mundo com impulsos homossexuais. Seria justo, ele questiona, punir pessoas naturalmente condenadas à impossibilidade de um amor recíproco? Por outro lado, havendo casos em que a

homossexualidade não é uma condição inata, a receosa e protetiva postura da sociedade diante de uma minoria excepcional estaria justificada.

Tecendo comentários sobre as legislações existentes na Inglaterra de seu tempo, Ellis aponta para a irrazoabilidade da Emenda Labouchère ao categorizar como indecência qualquer ato íntimo realizado entre homens em intimidade. Não havia definição dos comportamentos considerados indecentes, o que permitia à polícia e corte britânicas o exercício das mais abrangentes interpretações, além de idade e consentimento não serem fatores de defesa. A heterossexualidade, e mesmo as relações entre mulheres, eram passíveis de punição apenas nos casos em que constituíam perturbação pública ou abuso sexual. Portanto, o enquadramento de relações privadas entre homens como crime grave evidenciou o descomunal caráter discriminatório da emenda (Peberdy, 1965). As críticas eram fundamentadas no crescente conhecimento científico sobre a homossexualidade, e na divergência entre a cláusula e as mais esclarecidas legislações de outros países europeus.

Indecência não devia ser aplicada ao contexto de discrição entre duas pessoas adultas que consentiram ao ato, afirma Ellis. Mesmo se vergonhoso ou repulsivo, não havia fundamentação razoável para constituir tais atos crimes puníveis por lei. O autor pontua também a ineficiência da legislação sobre a redução da prevalência do fenômeno, tendo em vista suas bases congênitas. Ela não teria outro efeito além de incentivar as mentes mais refinadas da classe dos invertidos a saírem em defesa da homossexualidade, e fomentar a estabelecida prática de extorsão por chantagem (no inglês intitulada *blackmailing*). A posição final de Ellis é de oposição à penalização do sexo anal e quaisquer atividades sexuais entre homens em âmbito privado, atribuindo à esfera penal as funções de prevenção da violência, a proteção da juventude e a preservação da ordem pública. Fora dessas fronteiras, prevaleceriam o discernimento individual e a opinião social, mas não o exercício da lei.

Mais uma vez, as contribuições de Ellis precisam ser ponderadas em suas ambiguidades, ou mesmo em suas seletividades. As menções do autor às classes e raças inferiores, acionadas para argumentar pela prevalência universal da homossexualidade, evidenciam uma associação entre desenvolvimento e hereditariedade. É possível supor que Ellis compreendia a homossexualidade enquanto uma condição de menor ameaça para a herança hereditária e, sendo assim, de menor preocupação para o progresso social (Crozier, 2008a). O fato de não nos depararmos com um manifesto eugenista não minimiza as influências deste pensamento sobre Ellis e muitos de seus contemporâneos. Quando ampliamos o olhar para as futuras proposições do autor, estas excluídas das obras sob análise neste trabalho, vemos que o último volume de *Studies in the Psychology of Sex*, publicado em 1910 e intitulado *Sex in Relation to Society*, deriva do conhecimento visto como científico, o que seriam proposições políticas para uma sociedade mais saudável. Nele, Ellis ressalta a importância da procriação caminhar junto ao matrimônio, exercendo assim uma contribuição pública. No entanto, o processo que descreve como elevação da raça seria adequadamente direcionado apenas com o uso de métodos contraceptivos, que também concederiam às mulheres a capacidade de deliberar sobre a reprodução (Ellis, 1937/1945).

Dois anos depois, Ellis publica uma obra dedicada à tarefa da higiene social, incentivando o uso da psicologia biológica como ferramenta para nortear e encorajar a procriação considerada como apropriada. A maternidade seguiria sendo uma função central para as mulheres, embora o papel de obediência às antigas tradições perderia espaço para as diretrizes da ciência. Afinal, as práticas religiosas defendiam a importância do celibato e da repressão, enquanto o progresso eugênico dependia de uma relação mais moderada com a sexualidade e os seus objetivos naturais (Paul, 2004).

## Discussão

A Teoria Queer nasce pela oposição às correntes feministas que reduzem ou condicionam as reflexões sobre sexualidade ao enquadramento heterossexual e, como consequência, aos gêneros binários. Em exercícios contemporâneos, por vezes nos dedicamos a pensar se há como suspender o gênero das análises de como subjetivamos a sexualidade, como a integramos em nossa identidade, como a exercemos em nossas práticas eróticas. Nas obras de Havelock Ellis, por outro lado, é possível testemunhar o encapsulamento das sexualidades homossexuais pelas teorias naturalistas, imbuídas de entendimentos heterossexualmente idealizados de quais seriam as diferentes funções, designadas pela Natureza, a homens e mulheres. Ou seria mais apropriado dizer, masculinamente idealizados? Não se sinta sozinha, leitora, se o encontro com as obras de Ellis provoca profunda inquietação e desconforto. Seus registros explicitam um projeto de controle consolidado por detentores da autoridade médica e do fazer científico, que se utilizam destes poderes para saírem em nítida ofensiva às mulheres que desejavam ser mais que progenitoras.

Nesta íntima costura de gênero e sexualidade, as experiências de intersexualidade, transexualidade e homossexualidade são descritas como fenômenos derivados de uma mesma herança primitiva e indesejada. Para as correntes Darwinistas, a diferenciação sexual havia sido um lento e cuidadoso trabalho da seleção sexual, rumo a versões mais refinadas, evoluídas e iluminadas da espécie. Este era um argumento que se pretendia autossuficiente, como um dos mandamentos divinos. Neste período de conflituosa transição entre uma sociedade predominantemente governada pelo pensamento religioso e então introduzida à consideração dogmática, os princípios naturalistas transformaram as ciências consolidadas e os campos emergentes. Para a Psicologia e suas vertentes, construir conhecimento com base nesta corrente era também uma forma se estabelecer enquanto uma área cientificamente

credenciada. Até então, a sexualidade havia sido predominantemente investigada pela medicina forense, de modo que a Psicologia do Sexo introduziu novos interesses e vocabulários. As práticas sexuais passam a ser vinculadas a uma personalidade, um caráter, o que torna a escuta uma ferramenta importante, e o relato um material a ser valorizado.

Nascem as categorias que persistem na contemporaneidade, como fetichismo, masoquismo, sadismo, exibicionismo. E também as que foram abandonadas, como mixoscopismo, atualmente intitulado voyeurismo, e copromania, a excitação sexual por excrementos (Hekma, 2014). Ellis contribui com o marcante conceito de autoerotismo, posteriormente utilizado por Freud. Sendo as mulheres derivadas de proporções endocrinológicas drasticamente distintas das dos homens, elas estariam naturalmente destinadas à passividade, entrega e subjugação. Os homens ocupariam o polo oposto, caracterizado por atividade, conquista e dominação. Não surpreende que o sadismo tenha sido um fenômeno descrito como masculino, enquanto o masoquismo foi designado como essencialmente feminino. Nesta dança de corpos complementares, cujos passos teriam sido meticulosamente desenhados pela força que impele não apenas à sobrevivência, mas também à perfeição, a relação heterossexual é romanticamente retratada como uma obra-prima naturalista.

No entanto, havia as obras menos quistas, ou mesmo indesejadas. O famoso tiro que saiu pela culatra. Os corpos falhos em exercitar feminilidade e masculinidade apropriadas, falhos em trilhar os caminhos que levam a Vênus, a deusa do amor, ou ao sangrento deus Marte. Estes eram os invertidos, condenados à arte do fracasso e à vida em um planeta como Urano (Halberstam, 2011; Preciado, 2019). A opinião pública sobre a homossexualidade perpassava, em grande parte, pelos sentimentos de repúdio, nojo e condenação. Ellis aponta para as repercussões negativas desta postura nos âmbitos científico e social. No primeiro, a

imediate repreensão da homossexualidade havia levado muitos pesquisadores à omissão de sua prevalência em diferentes regiões, além do descaso evidenciado pelos profissionais da medicina de sua época. No segundo, a rejeição resultava em sintomas de adoecimento físico e psíquico mais graves do que a condição de desejo em si. Se os indivíduos detentores desta condição irreversível eram capazes de nutrir vidas contidas, produtivas e estáveis, Ellis incentiva uma abordagem menos danosa por parte da sociedade inglesa.

A enorme lacuna no posicionamento social de homens e mulheres certamente afetou o retrato de homens e mulheres homossexuais. Eles seriam frequentemente dotados de especial aptidão para as artes, enquanto elas seriam, no máximo, detentoras das características masculinas socialmente valorizadas, como assertividade e confiança. As obras de Ellis são concomitantes a diferentes momentos do movimento de mulheres, que pleiteava maior acesso às esferas públicas, com destaque aos âmbitos profissional e político. O autor reconhece a inevitabilidade destas reivindicações, mas suas produções certamente expressam resistência às perspectivas de mudança. As diferenças entre homens e mulheres estruturam uma dinâmica de disparidade que, segundo Ellis, não devia motivar inquietações ou reformas, pois estaríamos então alterando os contornos desenhados pela natureza. Seria um erro caso a modernidade se destacasse dos princípios originários, de modo que um horizonte de equidade entre os sexos é retratado como um cenário profundamente antinatural. Dois elementos parecem ser especialmente preocupantes neste caminho de suposta desidentificação da mulher com o que seria a sua essência biológica: o distanciamento da tarefa reprodutiva e do exercício de feminilidade. Duas características, portanto, retratadas como essenciais à heterossexualidade.

Ellis não estava só na confecção destas que se tornavam identidades descritas, catalogadas e validadas pelas autoridades médicas. Richard von Krafft-Ebing, Magnus

Hirschfeld, Iwan Bloch, Albert Moll e Sigmund Freud foram contemporâneos que compartilharam esta construção, mesmo quando envolta por conflitos. Estas categorias forneceram as bases para uma identidade homossexual, inicialmente fundamentada na experiência comum de atração pelo mesmo sexo. Eventualmente, essas identidades seriam expandidas para abarcar não apenas a experiência de desejo, mas estruturas comunitárias, artísticas e culturais. Na Teoria Queer contemporânea, as fronteiras identitárias são cuidadosamente analisadas. O que negamos quando elegemos uma identidade e do que nos privamos para mantê-la estável? Se estas categorias herdaram das ciências médicas o pressuposto de comunicar algo de essencial sobre as nossas vivências, um elemento descritivo de quem verdadeiramente somos, é possível que estejamos acompanhadas da presunção de que elas, e apenas elas, estabelecem quais são as vivências socialmente inteligíveis. Afinal, se alguns adentraram as fronteiras da normalidade, outros corpos seguem sob a mirada dos olhares que acusam a aberração.

### **Considerações Finais**

Havelock Ellis foi, como descreve Vincent Brome (1979) em sua biografia, um filósofo do sexo. Isso significa que atravessou com empenho e meditação os mais diversos tópicos, desde a masturbação à esterilização, mas também anuncia o fato de Ellis ser um autor condicionado ao seu tempo e aos seus ideais. Ellis foi um ousado reformista do sexo, defendendo em plena Inglaterra Vitoriana uma abordagem de maior tolerância e, no que tange ao exercício da medicina, mais ética frente à homossexualidade. Estabelecer a inversão sexual como um fenômeno derivado de variação congênita possibilitou o abandono, ainda que parcial, de estratégias de cura. Suas contribuições devem ser reconhecidas, mas suas limitações também devem ser evidenciadas.

Há inevitavelmente uma tensão entre os avanços viabilizados à homossexualidade de homens, aclamados em sua genialidade, e a persistente invisibilidade da homossexualidade de mulheres, por vezes retratada como uma ameaça à integridade das mulheres normais por apresentá-las a perspectivas de autonomia. Afinal, a compreensão de Ellis sobre a inversão sexual é a de um autor resignado com um defeito irreversível, e não a de um celebrante das infinitas pluralidades. Ele reconhece a vivacidade do desejo, o que não equivale a defendê-la. A civilização proposta pelo autor segue sob vigilância e regulação, agora coordenadas pelo saber científico e masculinista. Como recomendação para futuras investigações no Brasil, destaco a importância de analisar de maneira mais aprofundada, nas obras de Ellis e de seus contemporâneos, como as hierarquias de raça e classe atravessam suas concepções de anormalidade e as categorias delas derivadas.

## Referências

- Angelides, S. (2001). *A history of bisexuality*. The University of Chicago Press.
- Beirne, P. (1988). Heredity versus environment: A reconsideration of Charles Goring's *The English Convict* (1913). *The British Journal of Criminology*, 28(3), 315–339.  
<https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.bjc.a047732>
- Brome, V. (1979). *Havelock Ellis: Philosopher of sex*. Routledge & Kegan Paul.
- Brooks R. (2012). Transforming sexuality: The medical sources of Karl Heinrich Ulrichs (1825–95) and the origins of the theory of bisexuality. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 67(2), 177–216. <https://doi.org/10.1093/jhmas/jrq064>
- Carstens, L. (2011). Unbecoming women: Sex reversal in the scientific discourse on female deviance in Britain, 1880–1920. *Journal of the History of Sexuality* 20(1), 62–94.  
<https://www.muse.jhu.edu/article/407206>
- Crozier I. D. (2001). The medical construction of homosexuality and its relation to the law in nineteenth-century England. *Medical History*, 45(1), 61–82.  
<https://doi.org/10.1017/S0025727300067399>
- Crozier I. (2008a). Havelock Ellis, eugenicist. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 39(2), 187–194.  
<https://doi.org/10.1016/j.shpsc.2008.03.002>
- Crozier I. (2008b). Nineteenth-century British psychiatric writing about homosexuality before Havelock Ellis: The missing story. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 63(1), 65–102. <https://doi.org/10.1093/jhmas/jrm046>
- Darwin, C. (1981). *The descent of man, and selection in relation to sex*. Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1871)

- Dreger, A. D. (1998). *Hermaphrodites and the medical invention of sex*. Harvard University Press.
- Ellis, H. (1929). *Man and woman: A study of secondary and tertiary sexual characters*. The Riverside Press. (Trabalho original publicado em 1894)
- Ellis, H. (1939). *My life: Autobiography of Havelock Ellis*. The Riverside Press.
- Ellis, H. (1945). *Sex in relation to society*. William Heinemann. (Trabalho original publicado em 1937)
- Ellis, H. (1948). *Psychology of sex*. William Heinemann. (Trabalho original publicado em 1933)
- Ellis, H. & Symonds, A. (2008). *Sexual inversion: A critical study* (I. Crozier, Ed.). Palgrave Macmillan. (Trabalho original publicado em 1897)
- Eschbach, E. S. (1993). *The higher education of women in England and America, 1865–1920*. Garland Publishing.
- Feray, J. C., Herzer, M., & Peppel, G. W. (1990). Homosexual studies and politics in the 19th century: Karl Maria Kertbeny. *Journal of Homosexuality*, 19(1), 23–48.  
[https://doi.org/10.1300/J082v19n01\\_02](https://doi.org/10.1300/J082v19n01_02)
- Ghiselin M. T. (1969). The evolution of hermaphroditism among animals. *The Quarterly Review of Biology*, 44(2), 189–208. <https://doi.org/10.1086/406066>
- Guenther, K. (2015). *Localization and its discontents: A genealogy of psychoanalysis and the neuro disciplines*. The University of Chicago Press.
- Halberstam, J. (2011). *The queer art of failure*. Duke University Press.
- Hall, L. (2003). “It was affecting the medical profession”: The history of masturbatory insanity revisited. *Paedagogica Historica*, 39(6), 685–699.  
<https://doi.org/10.1080/0030923032000128854>

- Hekma, G. (2014). A history of sexology: Social and historical aspects of sexuality. In J. Bremmer (Ed.), *From Sappho to De Sade* (pp. 173–193). Routledge.
- Hirschfeld, M. & Burchard, E. (1911). Spermasekretion aus einer weiblichen Harnröhre. *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, 37(52), 2425–2428.  
<https://doi.org/10.1055/s-0028-1131182>
- Hurley, K. (1990). Hereditary taint and cultural contagion: The social etiology of fin-de-siècle degeneration theory. *Nineteenth-Century Contexts*, 14(2), 193–214.  
<https://doi.org/10.1080/08905499008583317>
- Jackson, M. (1994). *The real facts of life: Feminism and the politics of sexuality c 1850–1940*. Taylor & Francis.
- Jackson, M. (2019). Sexology and the universalization of male sexuality (from Ellis to Kinsey, and Masters and Johnson). In L. Coveney, M. Jackson, S. Jeffreys, L. Kay & P. Mahony, *The sexuality papers: Male sexuality and the social control of women*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1984)
- Jackson, S. (2006). Gender, sexuality and heterosexuality: The complexity (and limits) of heteronormativity. *Feminist Theory*, 7(1), 105–121.  
<https://doi.org/10.1177/1464700106061462>
- Jordanova, L. (1987). The popularization of medicine: Tissot on onanism. *Textual Practice*, 1(1), 68–79. <https://doi.org/10.1080/09502368708582008>
- Kaan, H. (2016). *Heinrich Kaan's "psychopathia sexualis" (1844): A classic text in the history of sexuality* (B. Kahan, Ed.). Cornell University Press. (Trabalho original publicado em 1844)
- Kennedy, H. (1997). Karl Heinrich Ulrichs: First theorist of homosexuality. In V. A. Rosario (Ed.), *Science and homosexualities* (pp. 26–45). Routledge.

- Leck, R. M. (2016). *Vita sexualis: Karl Ulrichs and the origins of sexual science*. University of Illinois Press.
- L'Esperance, J. (1977). Doctors and women in nineteenth century society: Sexuality and role. In D. Richards & J. Woodward (Eds.), *Health care and popular medicine in nineteenth century England* (pp. 105–127). Croom Helm.
- Lombroso, C. & Ferrero, G. (2017). *A mulher delinquente: A prostituta e a mulher normal*. (Fontoura A. Jr., Trans.). Antoniofontoura. (Trabalho original publicado em 1893)
- Maehle, A. H., & Sauerteig, L. (2012). Introduction. *Medical History*, 56(2), 123–132.  
<https://doi.org/10.1017/mdh.2011.29>
- McGregor, O. R. (1955). The social position of women in England, 1850–1914: A bibliography. *The British Journal of Sociology*, 6(1), 48–60.  
<https://doi.org/10.2307/587224>
- Morgan, H. (2022). Conducting a qualitative document analysis. *The Qualitative Report*, 27(1), 64–77. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2022.5044>
- Oosterhuis, H. (2000). *Stepchildren of nature: Krafft-Ebing, psychiatry, and the making of sexual identity*. University of Chicago Press.
- Oosterhuis H. (2020). Freud and Albert Moll: How kindred spirits became bitter foes. *History of Psychiatry*, 31(3), 294–310. <https://doi.org/10.1177/0957154X20922130>
- Paul, C. (2004). *Havelock Ellis' search for the sacred: Sexology, spirituality and science in turn-of-the-century Britain* [Tese de mestrado, The University of British Columbia]. UBC Thesis and Dissertations. <http://hdl.handle.net/2429/18108>
- Peberdy, G. R. (1965). Homosexuality and the law. *The Medico-Legal Journal*, 33, 29–34.  
<https://doi.org/10.1177/002581726503300104>
- Peterson, H. (1928). *Havelock Ellis: Philosopher of love*. The Riverside Press.

- Pick, D. (1989). *Faces of degeneration: A European disorder, c. 1848 – c. 1918*. Cambridge University Press.
- Pollitt, A. M., Mernitz, S. E., Russell, S. T., Curran, M. A., & Toomey, R. B. (2021). Heteronormativity in the lives of lesbian, gay, bisexual, and queer young people. *Journal of Homosexuality*, 68(3), 522–544.  
<https://doi.org/10.1080/00918369.2019.1656032>
- Preciado, P. B. (2019). *Um apartamento em urano: Crônicas da travessia*. Zahar.
- Pretsell, D. (2023). *Queer voices in the works of Richard von Krafft-Ebing, 1883 – 1901*. Palgrave Macmillan.
- Rich, A. (1980). Compulsory heterosexuality and lesbian existence. *Journal of Women in Culture and Society*, 5(4), 631–660. <https://doi.org/10.1353/jowh.2003.0079>
- Romanes, G. J. (1987). Mental differences between men and women. In D. Spencer (Ed.), *The education papers* (pp. 10–31). Routledge & Kegan Paul. (Trabalho original publicado em 1887)
- Rosario, V. A. (1997). Homosexual bio-histories: Genetic nostalgias and the quest for paternity. In V. A. Rosario (Ed.), *Science and homosexualities* (pp. 1–25). Routledge.
- Rubin, G. (1990). The traffic in women: Notes on the “political economy” of sex. In K. V. Hansen & I. J. Philipson (Eds.), *Women, class and the feminist imagination* (pp. 74–113). Temple University Press.
- Rubin, G. (2012). *Deviations*. Duke University Press.
- Shiman, L. L. (1992). *Women and leadership in nineteenth-century England*. Palgrave Macmillan.
- Showalter, E. (1991). *Gender and culture at the fin de siècle*. Penguin Books.
- Sigusch, V. (2012). The sexologist Albert Moll: Between Sigmund Freud and Magnus Hirschfeld. *Medical History*, 56(2), 184–200. <https://doi.org/10.1017/mdh.2011.32>

Smith, F. B. (1976). Labouchere's amendment to the Criminal Law Amendment bill.

*Historical Studies*, 17(67), 165–173. <https://doi.org/10.1080/10314617608595545>

van der Toorn, J., Pliskin, R., & Morgenroth, T. (2020). Not quite over the rainbow: The unrelenting and insidious nature of heteronormative ideology. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 34, 160–165. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2020.03.001>

von Krafft-Ebing, R. (2011). *Psychopathia sexualis: The classic study of deviant sex*. Arcade Publishing. (Trabalho original publicado em 1965)

von Krafft-Ebing, R. (2011). *Psychopathia sexualis: The classic study of deviant sex*. Arcade Publishing. (Trabalho original publicado em 1965)

Weeks, J. (2000). *Making sexual history*. Polity Press.

Weeks, J. (2002). *Sexuality and its discontents: Meaning, myths & modern sexualities (2nd ed.)*. Routledge.

Weeks, J. (2016). *What is sexual history?*. Polity Press.